



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

ACÁSSIO CARLOS SILVA LEMOS

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA NO
BATALHÃO DE INFANTARIA DE SELVA (53ºBIS)**

Itaituba - PA

2017

ACÁSSIO CARLOS SILVA LEMOS

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA NO
BATALHÃO DE INFANTARIA DE SELVA (53ºBIS)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Faculdade de Itaituba, para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dra. Djalmira de Sá Almeida Barros.

Itaituba – PA

2017

ACÁSSIO CARLOS SILVA LEMOS

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA NO
BATALHÃO DE INFANTARIA DE SELVA (53ºBIS)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso
de Letras da Faculdade de Itaituba, para obtenção do
título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dra. Djalmira de Sá Almeida Barros.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____
Prof^a Mara Aparecida Pereira Nascimento, Esp.

Orientadora: _____ Nota: _____
Prof^a. Djalmira de Sá Almeida Barros, Dra.

Avaliadora: _____ Nota: _____
Prof^a Raquel Batista, Esp.

Resultado: _____ Média: _____

13 de março de 2017

A Deus, por ser essencial em minha vida, em especial a minha família, a minha mãe Genésia Constância, ao meu irmão Alexandre Lemos, que sempre me incentivou para a realização de meus ideais encorajando-me a enfrentar todos os momentos difíceis da vida. Dedico-lhes essa conquista com Gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, meu criador, que concedeu vida, saúde, paz, perseverança e determinação no desenvolvimento deste trabalho de TCC. A meu pai e minha querida mãe, por estarem sempre presentes a me ensinar com seus exemplos de vida nas dificuldades de enfrentar os problemas que surgirem na trajetória.

Também aos meus familiares e amigos que acompanham meus passos, acreditando em meu potencial. Foram muitos momentos de alegrias e dificuldades, experiências que trazem importantes ensinamentos até agora. Agradeço a minha querida Prof^a. Dra. Djalмира de Sá de Almeida Barros, por me auxiliar no desenvolvimento deste trabalho e pela disposição a esclarecer qualquer dúvida expandindo minhas ideias como forma de aprendizado que me conduziu a um bom estudo.

Agradeço pelo seu apoio, dedicação, paciência e principalmente pela sua generosidade em mostra todo seu aprendizado e conhecimento como forma de ensino. Meus agradecimentos ao 53º Batalhão de Infantaria e Selva (BIS) pelo consentimento e aos militares pela participação voluntária na pesquisa.

Agradeço a administração Faculdade de Itaituba - FAI acima de tudo pelo excelente profissionalismo. Por último, formalmente agradeço a todos os acadêmicos do Curso de Letras pela amizade que construímos durante quatro anos.

“Tratar da língua é tratar de um tema político. Só existe língua se houver seres humanos que a falem. O homem é um animal político (Aristóteles), portanto, a linguística é uma atividade científica essencialmente politizada.”

Marcos Bagno

RESUMO

Este estudo trata de uma pesquisa linguística sobre a variação linguística da Língua Portuguesa utilizada pelos militares do 53º Batalhão de Infantaria de Selva (BIS), Itaituba-PA. Objetivou-se mostrar como acontece essa variação nos aspectos fonéticos e semânticos e como circulam democraticamente, as diferentes variantes dentro do referido batalhão, trazidas por militares. Aspectos da comunicação revelam que toda forma de expressar possui uma estrutura gramatical, mas cada variação é eficaz no seguimento comunicativo. Em um processo comum a todos, a língua, em qualquer território, não se pode dizer que há melhor nem pior e sua diferenciação em um mesmo país, significa que há variação no processo de manutenção da heterogeneidade linguística pela comunidade, desta forma leva-se ao entendimento que não há um padrão superior de língua. Através de uma pesquisa bibliográfica, acrescida de uma investigação de campo, buscou-se identificar as variantes através de um questionário aberto aplicado aos militares para diagnosticar as variantes orais utilizadas no local. Como resultado da pesquisa constatou-se que existem formas diferentes de uso, que mesmo sendo da mesma região, estado ou comunidade, as pessoas não falam do mesmo modo, considerando que contribuem com falares que trazem e emprestam e que incorporam do local. Para manifestação da comunicação, o ser humano dispõe de inúmeras possibilidades e as variações da língua, expressões de obtenção livre, entre muitas possibilidades como propaga a Sociolinguística. Conclui-se que nos dias atuais, a ciência da linguagem possibilita a investigação das atitudes linguísticas e do percurso linguístico de uma determinada comunidade, mesmo procurando uma conexão entre linguagem e sociedade e abrangendo a maneira como linguagem oral é usada em diferentes contextos sociais.

Palavras-chave: Sociolinguística. Dialetoлогия. 53º BIS. Variantes e Variáveis Linguísticas.

ABSTRACT

This study deals with a research on the linguistic variation of the Portuguese language used by the military of the 53rd Jungle Infantry Battalion (BIS), Itaituba-PA. The objective was to show how this variation occurs in the phonetic and semantic aspects and how they circulate democratically, the different variants within the mentioned battalion, brought by the military. Aspects of communication reveal that every form of expression has a grammatical structure, but each variation is effective in communicative follow-up. In a process common to all, language in any territory can not be said that there is better or worse and its differentiation in the same country means that there is variation in the process of maintaining linguistic heterogeneity by the community, to the understanding that there is no higher standard of language. Through a bibliographical research, plus a field investigation, we tried to identify the variants through an open questionnaire applied to the military to diagnose the oral variants used in the place. As a result of the research, it was found that there are different forms of use, that even if they are from the same region, state or community, people do not speak the same way, considering that they contribute with words that they bring and lend and that they incorporate from the place. For manifestation of communication, the human being possesses innumerable possibilities and the variations of the language, expressions of free acquisition, among many possibilities as propagates to Sociolinguística. It is concluded that in the present day, the science of language makes possible the investigation of the linguistic attitudes and the linguistic path of a determined community, even looking for a connection between language and society and covering the way oral language is used in different social contexts.

Key words: Sociolinguistics. Dialectology. 53º BIS. Variants and Linguistic Variables

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – 53º Batalhão de Infantaria de Selva Fonte: Relações Públicas do 53º BIS.....	46
Imagem – 53º Batalhão de Infantaria de Selva fonte: Relações Públicas do 53º BIS.....	47
Tabela 1 – Perfil dos Entrevistados do 53º BIS.....	48
Gráfico 1 – Patente dos Entrevistados	49
Gráfico 2 – Escolaridade dos Entrevistados.....	49
Gráfico 3 – Estado Civil.....	50
Gráfico 4 – Idade dos Entrevistados.....	50
Gráfico 5 – Tempo em Itaituba.....	51
Gráfico 6 – Origem dos Entrevistados.....	51
Gráfico 7 – Sexo dos Entrevistados.....	52

LISTA DE SIGLAS

53º BIS – 53º Batalhão de Infantaria de Selva.

ALIB – Atlas Linguística do Brasil

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais

AFI – Alfabeto Fonético Internacional

PB – Português brasileiro

SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

MEC – Ministério da Educação e Cultura

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

IPA – International Phonetic Alphabet

ANPOLL – Associação Nacional de Pós - Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística

EALMG – Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais

ALPB – Atlas Linguístico da Paraíba

ALS – Atlas Linguístico de Sergipe

ALPR – Atlas Linguístico do Paraná

ALERS – Atlas Linguístico Etmográfico da Região Sul

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UEL – Universidade Estadual de Londrina

UFPB – Universidade Federal de Paraíba

UFCE – Universidade Federal do Ceará

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFRGS – Universidade Federal de Rio Grande do Sul

QFF – Questionário Fonético Fonológico

QSL – Questionário Semântico Lexical

QMS – Questionário Morfosintático

QP – Questões de Pragmática

QM – Questões de Natureza Metalinguística

TDS – Temas para Discurso Semidirigido

OSP – Órgãos de Segurança

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
2.1 HISTÓRIA DA LINGUÍSTICA.....	14
2.1.1 Fonética.....	19
2.1.2 Semântica.....	20
2.1.3 Morfologia.....	20
2.1.4 Sintaxe.....	21
2.2 SOCIOLINGUÍSTICA.....	22
2.2.1 Variação Linguística e Variedades Linguísticas.....	24
2.2.2 Variantes Linguísticas.....	26
2.2.3 Variações Geográficas.....	26
2.3 DIALETOLOGIA.....	27
2.4 VARIANTES REGIONAIS E PRECONCEITO LINGUÍSTICO.....	28
2.5 FALARES REGIONAIS DO BRASIL.....	35
2.6 ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL.....	38
3 METODOLOGIA.....	44
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	44
3.2 AMBIENTE DA PESQUISA.....	46
3.3 PERFIL DOS INTREVISTADOS	48
3.4 REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DAS VARIÁVEIS DA PESQUISA.....	49
4 RESULTADOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	53
4.1 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	53
4.1.1 Natureza e Acidentes Geográficos.....	53
4.1.2 Fenômenos Atmosféricos.....	60
4.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	76
5 CONCLUSÃO.....	70
REFERÊNCIAS.....	72
APÊNDICES.....	75
ANEXOS.....	77

1 INTRODUÇÃO

Este é um estudo sobre a “Variação Linguística da Língua Portuguesa no 53o Batalhão de Infantaria de Selva (BIS)”, com o objetivo geral de mostrar como acontece a variação linguística que circula na referida unidade militar, cujas variantes interferem na preservação da língua local. A intenção é demonstrar aos militares daquela unidade, que mesmo outros militares que vêm de outras unidades militares de regiões diferentes, falamos português com variantes diferentes do português da região.

Entende-se que não há um pensamento norteado homogeneamente, de forma primária, do tipo ideal que abre portas para um pensamento mais abrangente para os indivíduos falantes, assim a variação está presente desde a origem da Língua Portuguesa, sendo assim, percebe-se que a homogeneidade não existe em nenhuma língua, podendo ser entendida pelo lado que caracteriza o homem, nas diferenças, diversidades e possibilidades que caracterizam as mudanças. É preciso compreender que essas mudanças não acabam no tempo, porém se manifestam no meio social e em cada espaço, e em que qualquer língua se prolonga.

Observa-se que a variação linguística da Língua Portuguesa está presente em diversas partes do mundo, que falam este idioma, inclusive no Brasil, e acredita-se que a variação prevalece presente em locais em que sempre é frequentado por diferentes populações mesmo sendo falantes da mesma língua. Este trabalho está relacionado a outros projetos sobre variações que circulam em quase todas as regiões do país sobre as mudanças regionais e variantes sociais de diversas categorias.

O Batalhão de Infantaria de Selva (53ºBIS) que se localiza na cidade de Itaituba Pará, não é diferente, supõe-se que lá, há dezenas formas de pluralidade de se pronunciar a Língua Portuguesa. Isto porque o 53o BIS é uma unidade que pertence ao Exército Brasileiro povoado por militares que vem de diversas partes do país, que consigo trazem seus modos de falar e seus costumes, de suas regiões tanto territoriais como de fronteiras. Pretende-se com este projeto de TCC verificar as variações da língua que circulam dentro do Batalhão.

Essas mudanças sejam das variantes locais, regionais e nacionais acontecem a todo instante, que obriga a adaptações radicais no linguajar do ambiente. Mesmo que isso aconteça, porque a região é povoada por pessoas de regiões distintas do país, esses fatores facilitadores das mudanças indicam perda e elementos da língua materna, causada pelo processo de preservação do linguajar local e influência de em-

préstimos linguísticos que enriquecem a linguagem da região onde as pessoas se instalam.

O problema em estudo trata da variação linguística que aparece no 53º BIS a qual apresenta formas diferentes de comunicação oral na Língua Portuguesa entre militares do local. Provavelmente, isto venha a acontecer devido à composição do 53º BIS, que desde sua inauguração sempre teve movimentação de militares, de diferentes regiões do Brasil, como acontece em qualquer unidade do Exército, em regiões de fronteiras de estado, de países e de confluência de rios no interior e nas matas próximas ao litoral. A partir da observação e audição do falar desses militares, verifica-se que há muitas variantes na fonética deles, inclusive com um linguajar muito diferente das formas habituais de se pronunciar o português tradicional.

Supõe-se que isso aconteça, porque as forças armadas utilizam sempre linguagem de treino e de combate e seu código penal seja muito rígido. Assim, cria-se uma comunicação mais rígida, dessa maneira ocorram mudanças na comunicação oral. Porém, acredita-se que, mesmo estas causas ou outras causas prejudiquem no desenvolvimento da pronúncia do português padrão das unidades militares, o que está em foco aqui é a variação da Língua Portuguesa dentro 53º BIS. Assim, é preciso investigar através de pesquisas sociolinguísticas e dialetológicas, algumas variantes que circulam oralmente dentro da unidade militar.

Considera-se que a comunicação entre os militares, dentro e fora da unidade militar, é fundamental para manifestar as variáveis da língua, sendo que, para muitas pessoas essas diferenças prejudicam o português padrão. Mesmo que, o desenvolvimento desse projeto dentro da unidade militar, não é para prejudicar ninguém, nem para causar preconceito no modo como os militares pronunciam as palavras, e sim perceber de forma acadêmica, cada variante que os militares trazem de suas referidas regiões para analisar a linguagem técnica e jargão com base na Sociolinguística e na Dialetologia.

Para buscar respostas para essas suposições levantou-se a seguinte questão norteadora: Quais as variações linguísticas que são utilizadas pelos militares do 53º BIS, e por que isto acontece? Este estudo foi executado com base em uma pesquisa bibliográfica acrescida de uma pesquisa de campo, realizada através de entrevista aos militares do 53º BIS para identificar as variantes linguísticas regionais que trazem dos seus estados e as que são absorvidas no local, na linguagem do quartel.

O objetivo geral deste estudo é mostrar como acontece a variação e como cir-

culam democraticamente as variantes dentro do 53º BIS, acredita-se que estas variantes para alguns, prejudicam na preservação da língua local, mesmo que, não queremos criar conflito e sim demonstra total entendimento de todas as palavras que as pessoas falam naquela unidade militar.

De fato, a intenção é demonstrar aos militares daquela unidade, que mesmo outros militares que venham de unidades militares de regiões diferentes, falem português com variantes diferentes do português local, assim mesmo, acredita-se que isso é normal na Língua Portuguesa haver variações distintas, mostrando que em cada canto do país, independentemente do local, sempre haverá variante, quando uma cultura entra em contato com outra, tanto pela análise da Dialetologia quanto pela Sociolinguística.

Várias ações foram executadas para alcançar a meta de identificar e descrever a variação, tais como: investigar como as variantes linguísticas interpessoalmente atuam e se manifestam dentro do 53º BIS; analisar as variantes através de pesquisa de campo, com entrevista aos militares para transcrição das variantes orais utilizadas no 53º BIS; representando graficamente as variáveis dos entrevistados, com os dados obtidos na pesquisa de campo no 53º BIS, visando discussão e reflexão sobre as variantes que circulam naquele local.

Este estudo está organizado em cinco capítulos: sendo o primeiro, a partir introdutória do trabalho; o segundo, a fundamentação teórica, tratando da história da linguística, das partes da gramática e dos diferentes ramos da linguística que estudam as variações, tais como: a Sociolinguística e a Dialetologia, bem como, as variantes regionais e o preconceito linguístico, destacando os falares regionais e os esforços dos linguistas brasileiros para criar o Atlas Linguístico Nacional.

O terceiro capítulo traz a metodologia adotada na pesquisa, a descrição do ambiente, o perfil dos entrevistados e uma representação gráfica das variáveis da pesquisa. O quarto capítulo mostra os resultados da pesquisa com discussão e análise dos dados obtidos, quanto ao vocabulário do 53º BIS sobre natureza e acidente geográficos, bem como fenômenos atmosféricos. O quinto e último capítulo deste trabalho é a conclusão a que se chegou acerca da variação linguística com realização da pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 HISTÓRIA DA LINGUÍSTICA: FONÉTICA, SEMÂNTICA, MORFOLOGIA E SINTAXE

A linguagem é algo trivial na vida das pessoas, pois os homens falam tão espontaneamente como caminham, embora não seja a linguagem um fenômeno biológico como o caminhar, mas uma criatura social baseada nas capacitações biológicas, o falar torna-se tão mecânico na vida social que é considerado auto evidente e não se faz qualquer esforço para analisá-lo. (CÂMARA JR, 1975).

Para Câmara Jr (1975) existem condições que favorecem o estudo da linguagem à proporção que a sociedade se desenvolve e se torna cada vez mais complexa. A invenção da escrita, hoje faz com que os homens percebam a existência de formas linguísticas, na medida em que eles tentam reduzir os sons da linguagem à modalidade escrita convencional. Isso significa uma nova atitude social que faz com que o pensamento humano focalize, com atenção, as maneiras como falamos também o mecanismo da linguagem. Do modo como vem desenvolvendo o novo clima na vida social em relação à linguagem, um estudo sobre isso pode gerar impacto de fatores sociais e culturais.

No entanto, segundo explica Câmara Jr (1975) isso implica em alguns fatores, o primeiro desses fatores é a diferenciação de classes numa sociedade estrutura de maneira complexa a linguagem de um dado grupo social reflete-o tão bem quanto suas outras formas de comportamento. Levando a linguagem a ser uma maçar de *status* social. No entanto as classes superiores dão-se conta desse fato e tentam preservar os traços linguísticos pelos quais se opõem as classes inferiores.

Esses traços são considerados *corretos* passa a haver um esforço para transmiti-la de geração a geração. A partir que os estudos da linguagem surgem para manter-se a inalterada a linguagem *correta* das classes superiores, com esse tipo estudos cria-se então que tradicionalmente chamamos de *gramática*, mesmo que o falante não dominou as tradições gramaticais mantidos pelas classes superiores com marca dos seus *status*, dando-o, um estudo da linguagem, sob um ponto vista sistemático desses traços, denominado o Estudo do Certo e Errado.

Um segundo fator, que, no entanto, determina o estudo da linguagem é o contato de uma dada sociedade com comunidade estrangeiras que falam outras línguas. Seja esse um contato hostil ou amistoso, busca - se a compreensão lingüís-

tica. Em consequência disso faz-se um esforço para dominar essas línguas estrangeiras. Este esforço não leva, necessariamente, ao estudo das línguas estrangeiras em estão porque as pessoas podem dominar uma língua e estrangeira. Assim, o estudo da linguagem nasce da linguagem nasce daquelas condições básicas de intercâmbio linguístico.

Este é um segundo tipo de estudos da linguagem ao qual chama-se *Estudo da Língua Estrangeira*. Em terceiro lugar há o fator para o estudo da linguagem, chamado *filologia* pelos gregos, em que os homens estão cômnicos de um contraste entre os traços linguístico do passado e os traços linguísticos do presente. Este tipo é considerado *Estudo Filológico da Linguagem*. Outro fator surge com o desenvolvimento da ciência no seu sentido mais amplo.

A precisão e as sutilezas do pensamento filosófico levam a um intenso estudo da linguagem através do qual, ambos podem ser transmitidos e, mesmo, estabelecidos e desenvolvidos. Assim, a necessidade de tornar a linguagem um instrumento eficiente para o pensamento filosófico e de disciplinar o pensamento através do disciplinamento da linguagem, dá lugar um tipo híbrido, filosófico e linguística ao mesmo tempo, a que se pode *chamar de Estudo Lógico da Linguagem*, o qual se combina com *estudo do Certo e Errado*, emprestando um colorido científico à orientação linguística das classes superiores.

A linguagem faz parte da cultura e depende de aspectos biológicos do corpo humano. No entanto, o desenvolvimento da ciência pode levar a um estudo das características biológicas que permitam aos homens o uso da linguagem. Assim, é através deste estudo biológico que se chega a um novo tipo, *Estudo Biológico da Linguagem*.

O *Estudo Histórico da Linguagem* focaliza-se, tentando desenvolver sua natureza como um acontecimento histórico. Assim, todo fato social, entretanto, além de ser um acontecimento histórico, possui uma função social atual. Este estudo focaliza sua função na comunicação social e analisa os meios pelos quais ela preenche. No entanto, é comparado ao estudo *Descritivo*, ambos constituem o âmago da ciência da linguagem ou linguística, tornando a linguagem como um traço cultural da sociedade.

A partir deste resumo, o *Estudo do Certo e do Errado* não são comparados com ciência, mas uma prática do comportamento linguístico. O *Estudo da Língua Estrangeira* apresenta alguns aspectos científicos na medida em que se baseia na

observação e na comparação objetiva (CÂMARA JR, 1975).

De acordo com autor acima citado, na Antiguidade, o estudo da linguagem foi totalmente desenvolvido na Índia e na Grécia. “Em ambos os países Havia, “O Estudo do Certo e Errado”, O Estudo Filosófico e Estudo Filosófico da Linguagem”. Provavelmente na Índia prevaleceu o aspecto filosófico da linguagem, a preocupação principal foi a compreensão correta dos antigos textos religiosos dos “vedas”. Com vista a isso, surgiu um estudo analítico sob o nome de “Vyākaraṇa” que, em sânscrito, quer dizer “análise”.

O mais antigo estudo sobre a linguagem até hoje está na Índia, é o de Yāska, um autor que viveu no IV século a.C. e tem por nome “Nirukta” que significa “Explicação”. A principal obra sobre a linguagem surgiu mais tarde, embora ainda no mesmo século, e consistia na descrição detalhada do sânscrito por Pāṇini. Este tratado consiste em quatro mil estrofes ou “Sutras”, as quais relatam, de maneira resumida e simbólica, os fenômenos linguísticos do sânscrito.

Desta forma, Pāṇini e Patañjali estabeleceram as bases da gramática normativa do sânscrito e os tratados hindus que surgiram posteriormente nada mais eram que comentários sobre “Sutras”, e sobre o “Mahābhāṣya de Patañjali”.

Conforme Câmara Jr (1975) os estudos linguísticos permaneceram desconhecidos no Ocidente até o fim do século XVIII. Dessa forma que não teve nenhuma influência no desenvolvimento do estudo da linguagem antes do advento da linguística propriamente dita, no século XIX. Porém, a tradição deste estudo na Europa, até esta época, vem da cultura da Grécia antiga.

“A principal abordagem ao estudo da linguagem na Grécia foi através da filosofia, assim os primeiros estudos “Paralinguísticos” começaram sob o aspecto filosófico deles, como também quase todas as famosas “Escolas” da filosofia grega incluíram a linguagem como um de seus objetos de investigação.

O autor acima afirma que os principais estudiosos “Paralinguísticos” da Grécia foram, entretanto, Platão e Aristóteles. O principal trabalho de Platão, no que se refere à linguagem, é o seu diálogo do Crátilo, um filósofo da linha de Heráclito e Hermógenes, o qual se inclina para Demócrito e seguidores. Platão claramente se identifica com Heráclito, porém Aristóteles desenvolveu uma teoria Linguística baseada nas ideias de Demócrito.

Além de Platão e Aristóteles outros filósofos da Escola Estóica que se interessaram mais profundamente pela linguagem. Desenvolveram um estudo

sistemático da gramática, baseado em Aristóteles, porém dele diferindo na sua teoria filosófica, até no que se referia à linguagem. Platão, no seu diálogo do *Crátilo*, discutiu principalmente a questão relacionada com o seguinte: a linguagem é imposta aos homens por uma necessidade da natureza ou origina do poder de julgamento dos homens.

Já Aristóteles, por outro lado, crê que a linguagem surgiu por convenção ou acordo entre os homens, mas faz uma produção de convenção. Houve muitos debates e discussões sobre a linguagem do *Crátilo*, ele retoma uma velha orientação sobre debates linguísticos abordados pela filosofia grega, e é dedicada etimologia que foi depois Platão, que seu estudo prosseguiu tornando-se cada vez mais pleno de sutilezas e arbitrariedades.

Por outro lado, como a filosofia principalmente de Aristóteles e os Estóicos, desenvolveram uma análise mais completa da linguagem e chegaram às asserções gramaticais, dando lugar a um debate referente à *natureza* da gramática, isso é das regras subjacentes que existem no uso da linguagem. O estudo filosófico da linguagem chegou a um aspecto descritivo, que foi chamado de gramática, “Arte”, relacionado aos caracteres escritos.

Assim, Aristóteles via língua através da lógica e desenvolveu o estudo lógico da linguagem, que prevaleceu até o advento da linguística propriamente dita. Fez a primeira distinção a respeito das partes do discurso (“substantivos”, “verbos” e “partículas”), sobre a estrutura da oração do (nome como sujeito do verbo como predicado).

Pela história, percebe-se que a “paralinguística”, sob aspecto filosófico, e a “pré-linguística”, teoria do “certo errado”, tiveram um grande impulso na Grécia, daí nascendo à gramática no sentido que mantém até hoje. Na verdade, a filologia é a grande tarefa do estudo da linguagem durante o período helenístico em Alexandria. No mesmo, seu objetivo principal foi à explanação dos textos dos antigos poetas, principalmente Homero.

Assim, Com a antiga literatura grega usava dialetos locais e velhas formas do discurso que tinham se tornados obsoletos em face da expansão do dialeto ático como língua comum a estudar a toda Grécia. Os principais filólogos do período alexandrino foram Zenodotos (no século IV ou III a.C.); Aristarco, famoso como intérprete de Homero; e Apolônio Díscolo. Este estudo misturava-se, naturalmente, com as asserções gramaticais de caráter normativo e com pontos de vista filosóficos entre

analogia, anomalia e outros.

De fato, a cultura romana aplicou ao latim, em suas linhas gerais, assim, o objetivo principal da gramática latina foi o que vimos chamadas de “Certo e Errado”. O entanto, no momento em que a gramática grega começou a influenciar a cultura latina, o latim na era ainda uma língua fixada e os hábitos linguísticos das classes rurais estavam em conflito com “urbanitas”, isto é, o estabelecimento de uma norma oficial para as classes superiores da cidade.

Por outro lado, a gramática latina vinha tentando, incessantemente, manter o latim clássico em face da fala plebéia e da fala provinciana das populações heterogêneas. A abordagem “Certa” e Errada” estavam sempre em jogo e aumentava seus esforços à medida que as forças contra o latim clássico se tornavam mais poderosas (CÂMARA JR, 1975).

Câmara Jr (1975) conta que no começo do século XX as técnicas de pesquisas no campo da linguagem romântica sofreram uma reviravolta que afetou totalmente as novas abordagens técnicas e teóricas da ciência da linguagem. Mas, no fim do século XXI teve um grande interesse por dialetos e línguas vivas locais. O linguista italiano “Graziadio Ascoli” que enfatizava a importância dos estudos dialetais e estabeleceu um importante estudo completo e acurado dos dialetos italianos existentes. Esforços semelhantes referentes à dialetologia do francês foram despendidos pelo linguista “Gaston Paris” e por seus seguidores.

A partir dos estudos desses dois campos distintos da dialetologia que nasceu o debate a respeito do conceito de “dialeto”. Contrário a Ascoli, afirma Gaston Paris que não havia dialetos unitários numa comunidade linguística. Sustentava que dados concretos particulares de caráter dialetal, os quais, de modo algum, constituem uma área linguística autônoma, que se chama dialeto. Gaston Paris afirma também que, cada traço dialetal tem duas próprias extensões como uma linha isoglósica a fim de estabelecer um feixe de traços linguísticos opostos a outros feixes. (CÂMARA JR, 1975).

Na verdade, os traços linguísticos que formavam as linguísticas isoglósicas eram visualizados, do ponto de vista histórico, como expressões de uma mudança Linguística Fonética. Gaston Paris teve a ideia de traçar mapas dessas linhas isoglósicas e isto deu lugar ao surgimento de uma nova técnica, conhecida por geografia linguística. O núcleo de tal técnica era a linha isoglósica, isto é, os traços linguísticos, isolados, como ponto de partida para constituição do mapa linguístico.

Entende-se que a geografia linguística teve base teórica o conceito de dialeto como uma abstração; essa razão de focalizar cada mudança linguística. Além de Gaston Paris, o verdadeiro criador da geografia linguística foi um estudioso suíço, Jules Gilliéron (CÂMARA JR 1975).

A geografia linguística é importante como uma nova abordagem ao estudo histórico comparativo. Em vez de ter que recorrer aos textos antigos de fases passadas extintos, o investigador apenas focaliza os aspectos vivos, contemporâneos, da língua apreendendo as formas linguísticas no intercâmbio oral. Obtém-se uma corrente evolucionária pela comparação das muitas variantes de cada forma, cuja distribuição no espaço pode ser traduzida numa distribuição através do tempo de acordo com regras metodológicas (CÂMARA JR, 1975).

2.1.1 Fonética

Borba (1975) afirma que a fonética é o ramo da Linguística que estuda a natureza física da produção e da percepção dos sons da fala humana. Preocupa-se com a parte significante do signo linguístico e não com o seu conteúdo. Borba (1975) citando Gregory afirma que a fonética subdivide-se em: fonética articulatória que estuda como os sons são produzidos, isto é, a posição e a função de cada um dos órgãos do aparelho fonador (língua, lábios, etc.).

Em fonética acústica que analisa as características físicas dos sons da fala, ou seja, as ondas mecânicas produzidas e a sua percepção auditiva. Desta maneira, junto a outros autores consideram também uma terceira subdivisão: a fonética auditiva que estuda os processos que realiza o receptor na recepção e interpretação da onda sonora.

Borba (1975) aborda que a unidade básica de estudo para a fonética é o fone. A fala humana é capaz de produzir inúmeros fones. A forma mais comum de representar os fones pelos linguistas é através do Alfabeto Fonético Internacional (AFI), desenhado pela Associação Internacional de Fonética (I.P.A.). Alguns fones são auditivamente próximos entre si a ponto de se tornarem indistinguíveis.

Por exemplo, o som de "rr" em alguns dialectos do português do Brasil é realizado foneticamente pela consoante fricativa velar surda (x no AFI). Entretanto, essa pode ser substituída pela consoante fricativa glotal surda (h no AFI) que a palavra

que nela estiver continuará a ser reconhecida. A esse fenômeno, dá-se em fonologia o nome de alofonia. Assim, [x] e [h] são alofones do "erre" forte em português do Brasil. Um grupo composto de um fone e seus alofones para os falantes de um idioma é denominado fonema. Deve-se ressaltar que a alofonia entre dois fones é relativa. (BORBA, 1975).

2.1.2 Semântica

Oliveira (2007) afirma que a semântica é o estudo do significado. Incide sobre a relação entre significantes, tais como: palavras, frases, sinais e símbolos, e o que eles representam, a sua denotação. A semântica linguística estuda o significado usado por seres humanos para se expressar através da linguagem.

Outras formas de semântica incluem a semântica nas linguagens de programação, lógica formal, e semiótica. Contrapondo com frequência à sintaxe, caso em que a primeira se ocupa do que algo significa, enquanto a segunda se debruça sobre as estruturas ou padrões formais do modo como esse algo é expresso (por exemplo, as relações entre predicados e seus argumentos).

Dependendo da concepção de significado que se tenha, têm-se diferentes semânticas. A semântica formal, a semântica da enunciação ou argumentativa e a semântica cognitiva, descrevem o mesmo fenômeno, mas com conceitos e enfoques diferentes.

Oliveira (2007) afirma que o significado das palavras leva em consideração: A sinonímia que significa a relação que se estabelece entre duas palavras ou mais que apresentam significados iguais ou semelhantes, ou seja, os sinônimos. A antonímia é a relação que se estabelece entre duas palavras ou mais que apresentam significados diferentes, contrários, isto é, os antônimos. A homonímia é a relação entre duas ou mais palavras que, apesar de possuírem significados diferentes, possuem a mesma estrutura fonológica, ou seja, os homônimos.

2.1.3 Morfologia

De modo geral, trata-se do estudo da classificação, estrutura e formação das palavras. Ao estudar morfologia, estudamos a classificação das categorias (artigo, substantivo, adjetivo, advérbio, numeral, pronome, verbo, preposição, conjunção e

interjeição), a formação de palavras através de elementos morfológicos (ou mórficos), que são as unidades que formam uma palavra. Alguns elementos morfológicos são: prefixo, radical, tema, vogal temática, vogal ou consoante de ligação, afixo, desinência (nominal ou verbal sufixo). Em linguística, no nível de análise morfológica encontramos duas unidades formais: a palavra e o morfema. (FERREIRA, 2010)

Ferreira (2010) aborda que uma das questões centrais no estudo da morfologia é decidir se a abordagem será pela perspectiva do morfema ou se a partir da palavra, da formação e da classificação das palavras. A peculiaridade da morfologia é estudar as palavras olhando para elas isoladamente e não dentro da sua participação na frase ou período.

Matos (2009) afirma que morfologia é exatamente aquela parte da gramática que vai conceber a língua sob um prisma formal, ou seja, a partir da formatação das palavras e tem como objetivo estudar a classificação, a estrutura e a formação das palavras.

2.1.4 Sintaxe

Os primeiros passos do estudo da sintaxe foram dados pelos antigos gregos, começando com Aristóteles (400 a.C), que foi o primeiro a dividir a frase em sujeitos e predicados. Um segundo contributo fundamental deve-se a Frege que critica a análise aristotélica, propondo uma divisão da frase em função e argumento. Deste trabalho fundador, deriva toda a lógica formal contemporânea, bem como a sintaxe formal. (BORBA, 1975).

Borba (1975) afirma que a sintaxe é a parte da gramática que estuda a disposição das palavras na frase e das frases no discurso, incluindo a sua relação lógica, entre as múltiplas combinações possíveis para transmitir um significado completo e compreensível. À inobservância das regras de sintaxe chama-se solecismo. Voltado para linguística, sintaxe é o ramo que estuda os processos generativos ou combinatórios das frases das línguas naturais, tendo em vista especificar a sua estrutura interna e funcionamento.

Assim tendo grande importância, pois é a unidade falada é a oração, não a palavra ou o som. Em termos práticos, o falante fala e o ouvinte ouve orações. Salvo o caso quando uma única palavra é portadora de sentido completo.

Almeida (2007) conceitua a sintaxe como a lógica das regras que regem a composição dos textos em uma linguagem formal que constitui as fórmulas bem formadas de um sistema lógico. Ao fornecer uma interpretação, não faz sentido atribuir um significado para textos que não são fórmulas bem formadas.

Na ciência da computação, o termo sintaxe refere-se às regras que regem a composição de textos com significado em uma linguagem formal, tal como uma linguagem de programação, isto é, os textos para os quais faz sentido definir a semântica ou significado, ou fornecer uma interpretação.

2.2 SOCIOLINGUÍSTICA

Grodts e Schneider (2007) conceituam a Sociolinguística como subárea da Linguística que está voltada para a comunidade de fala, ou seja, está preocupada com a correlação existente entre aspectos linguísticos e sociais, o que constituiria a origem da variação linguística. As autoras discutem o “dinamismo inerente” das línguas e seu aspecto heterogêneo, citando exemplos de variações encontradas no português brasileiro (PB), como “eles estudam - eles estuda $\emptyset$ ”, “flamengo -framengo” etc.

Sobre esta questão Mollica (2003) delimita o foco sobre a preocupação da Sociolinguística com a variação e difere as noções de variante (forma linguística alternativa) e de variável (fenômeno em variação ou grupo de fatores). Ressalta também que cabe à Sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, bem como diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático.

A autora ainda menciona que as línguas apresentam duas forças que atuam conjuntamente: uma que prima pela heterogeneidade e outra que exhibe unidade em meio a tal heterogeneidade. Por fim, são citados os fatores sociais de estigmatização e de prestígio, que geralmente estão presentes entre variantes de uma língua, e a busca dos estudos sociolinguísticos em oferecer contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos. (MOLLICA, 2003).

Sousa (2013) comenta que, a fala vem a ser baseado na convivência das pessoas em seu meio social e cultural. Observa-se que as regras que foram atribuídas para a comunicação do ser humano chegaram a tornar o ensino de português diferenciado. As formas diferentes de falar nunca tão notadas e apreciadas como

atualmente e a Sociolinguística aplicada ao ensino de Língua portuguesa reflete as variações no convívio social, suas alterações e as diferenciações de cada grupo social, mas de forma objetiva.

Citando Calvet (2002:140) apud Sousa (2013) explica que a Sociolinguística, “esclarece as diferentes convicções e os diferentes comportamentos no que se refere à língua de grupos inteiros ou classes inteiras da sociedade. Esses estudos enfocam a língua, a cultura e a sociedade, considerando que língua e sociedade são duas realidades que se inter-relacionam de tal modo que é impossível conceber-se a existência de uma sem a outra.

É no seio da sociedade, com suas particularidade e afinidades que as falas fluem e que a interação ocorre. O condicionamento social da linguagem está em consonância com traços que se enraizaram, de forma muito profunda na mente coletiva da comunidade linguística e os seus dados é que possibilitam a análise que confirma: a mudança linguística ocorre em função de pressões sociais que podem ser observadas e descritas

A Sociolinguística, na visão dos autores consultados, possibilita a investigação das atitudes linguísticas, do percurso linguístico de uma determinada comunidade. Nessas condições, a sociolinguística pesquisa segmentos sociais que constroem e caracterizam a realidade e o futuro linguístico de um povo, ao mesmo tempo em que busca compreender os fatores de variação e mudança linguística, analisado e divulgando as características das linguísticas da linguagem, da cultura e da sociedade.

Contudo, afirma-se que os estudos sociolinguísticos são os instrumentos que descrevem uma comunidade linguística e sua história. Ela procura estabelecer as fronteiras entre os diferentes falares de uma língua. Verifica-se que os falantes apresentam diferentes nos seus modos de falar de acordo com o lugar em que estão, variação diatópica, com a situação de fala ou registro, variação diafásica ou de acordo com o nível socioeconômico do falante, variação diastrática. (CALVET, 2002, apud SOUSA, 2013).

Sousa (2013) afirma que, há três termos importantes para a sociolinguística que podem ser facilmente entre si: variedade, variante, variável. Variedade - é o termo que correspondente, a grosso modo, ao termo dialeto. Cada variedade linguística tem uma gramática própria igualmente válida. Variante - o termo variante é utilizado nos estudos de sociolinguística para designar o item linguístico que é alvo de mudanças.

Assim, no caso de uma variação fonética, a variante é o alofone. Representa, portanto, as formas possíveis de realização. Variável I- a variável é o traço, forma ou construção linguística cuja realização apresenta variantes observadas pelo investigador.

Ele cita também que a variação de uma língua ocorre de acordo com o contexto histórico, geográfico e sociocultural, nos quais os falantes dessa língua se manifestam verbalmente. E o conjunto das diferenças da realização da língua falada ou escrita pelos seus usuários. Tais diferenças decorrem do fato de esse sistema linguístico não ser unitário, mas, comportar vários eixos de diferenciação: estilístico, regional sociocultural, profissional e etário.

A variação é também descrita como um fenômeno que ocorre na manifestação de um dado grupo social, determinada época e lugar. O termo variação pode também ser usado como sinônimo de variante. (SOUSA, 2013).

2.2.1 Variação Linguística e Variedades linguísticas

Em um território em que há falantes, existem registros formais, coloquiais, variações regionais, gírias que fazem a riqueza de uma língua em uso. No Brasil, o português apresenta um alto grau de diversidade e variabilidade, e suas diferenças se devem, sobretudo, a duas condições: a grande extensão territorial do país e as barreiras sociais que separam ricos e pobres. (ALVES e MARTIN, 2010).

As normas urbanas de prestígio, variedade também conhecida por padrão ou norma culta, são aquelas tradicionalmente ensinadas na escola e que seguem mais de perto as regras estabelecidas pelas gramáticas normativas. Por ser a linguagem comumente presente em grande parte dos livros, jornais, revistas e programas de rádios e televisão, ou seja, por ser a linguagem utilizada pelas pessoas que possuem maior prestígio social, está diretamente relacionado aos poderes econômicos, político e social de seus falantes. Atribuído às variedades que se afastam das normas urbanas de prestígio são muitas.

De modo geral, essas variações linguísticas se relacionam a diferenças regionais. Assim, o português que se fala no Brasil é bastante diverso e apresenta variedades igualmente válidas. O seu uso adequado a cada momento de comunicação social. Assim, a gíria se adequa a diferentes momentos da comunicação, se notabiliza como uma variedade da língua criada por um determinado grupo social com objetivo de reforçar a sua identidade. As gírias correspondem a

termos específicos usados membros de um grupo, como os grafiteiros, os funkeiros, os surfistas, os clubbers. (ALVES e MARTIN, 2010).

Sousa (2013) afirma que as variações geográficas podem ser: variação diatópica, aquela que varia de acordo com a distância geográfica que separa os falantes. Assim mesmo, as mudanças de tipo geográfico referem - se aos dialetos ou mais propriamente geoletos, e o seu estudo é a Dialectologia, embora o termo dialeto não tenha nenhum sentido negativo, tem sido comum chamar dialeto a línguas que supostamente são “simples ou primitivas”.

Marinho e Val (2006) consideram que a variação linguística pode ocorrer em função dos falantes assim como em função dos usos que estes fazem da língua. Dessa forma, numa análise abrangente, podem-se propor dois tipos de variação linguística: a dialetal e a de registros. Variação dialetal é devida aos usuários da língua e ao grupo social a que pertencem. Ela ocorre em função da região em que os usuários vivem dos grupos e da classe social a que pertencem de sua geração, de seu sexo, seu grau de escolaridade e ainda da função que exercem na sociedade.

Entretanto, as variedades de registro ocorrem em função do uso que um mesmo falante faz da língua nas diversas situações em que produz uma atividade verbal. Conforme as circunstâncias em que a interação verbal se realiza, o falante buscará a forma de expressão que julgar mais adequada.

Podem-se classificar as modalidades da variação de registro entre dois tipos extremos: o formal e o informal. Essas modalidades variam de acordo com o grau de reflexão do falante em relação às formas linguísticas de expressão, ou seja, de acordo com a seleção mais ou menos consciente das formas de expressão que constituem o seu conhecimento da língua.

O registro formal se caracteriza pela escolha de expressões e/ou construções mais próprias da variedade padrão escrita, de informações que resultam de maior elaboração intelectual, de conteúdo considerado rico e complexo. Esse registro prevalece nas situações em que existe um distanciamento entre os falantes, ou seja, nas situações que impõem “cerimônia” entre eles. O registro informal se caracteriza pela escolha de formas de linguagem que atendam às necessidades comunicativas cotidianas, sem preocupação com o refinamento ou a precisão na maneira de se expressar. (MARINHO e VAL, 2006).

Strecker (2009) aborda que a variação linguística é classificada da seguinte forma: variações diatópicas são as diferenças apresentadas pelo modo de expressão

local. Podem ocorrer tanto no vocabulário quanto na sintaxe; variações diastráticas referem-se aos diferentes grupos sociais. São variações de acordo com a faixa etária, o estrato social, o gênero, a profissão e assim por diante; variações diafásicas estão relacionadas à situação comunicativa. Falamos de uma forma quando estamos entre amigos e de outra forma numa reunião de trabalho, por exemplo.

2.2.2 Variantes Linguísticas

Sousa (2013) afirma que, cada região e cada grupo sociocultural têm seus falares. Pode-se afirmar que cada cidadão também tem o seu falar. A essa característica da língua dá-se o nome de variação linguística. Ele define que, a variação linguística se define pela forma ao qual determinada comunidade de falantes, vinculados por relações sociais ou geográficas, usa as formas linguísticas da língua natural. Esse fenômeno esteve presente em todo o momento da formação e estruturação da língua, desde os antepassados até os dias atuais.

A forma antiga permanece ainda entre as gerações mais velhas, período em que as duas variantes convivem; porém com o tempo as novas variantes tornam-se normais na fala, e finalmente consagram-se pelo uso, na modalidade escrita. A variação geográfica refere-se a várias formas de se pronunciar, que são as diferentes de vocabulário e de estrutura sintática entre as regiões.

A variação social agrupa alguns fatores de diversidade: o nível socioeconômico, o grau de educação, a idade e o gênero do indivíduo. A variação estilística se refere às diferentes formas de comunicação em que se coloca um mesmo indivíduo: o ambiente em que se encontra, familiar ou profissional, o tipo de assunto tratado e quem são os receptores.

É possível identificar dois limites extremos de estilo: o informal. Quando há um mínimo de reflexão do indivíduo sobre as normas linguísticas, utilizado nas conversações do cotidiano, o formal, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversações que não são do dia-a-dia e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo. (Sousa, 2013).

2.2.3 Variações geográficas

Santana e Neves (2015) citam Mussalini e Bentes (2006) para descrever a va-

riação geográfica, que a variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas.

A variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores e que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. Essas autoras afirmam que, esses tipos de variações ficam evidentes quando se escuta um falante da região sul e um da região nordeste, inclusive atribuindo nomes diferentes para o mesmo substantivo, como no Sudeste chamam a mandioca de aipim e no Nordeste chamam de macaxeira.

Em relação aos aspectos sociais, as autoras supracitadas destacam que fatores como a classe social, idade, sexo, situação ou contexto social são determinantes nesse processo. Elas argumentam que a variação existente na Língua Portuguesa é um fato mais que normalmente em se tratando de um idioma falado por mais de 200 milhões de pessoas em todo o mundo, de diferentes realidades, porém com o mesmo propósito de ter uma língua oficial que, apesar de algumas diferenças na fala, possui uma unidade, o que a torna compreensível para todos.

Marinho e Val (2006) tratam das variedades geográficas mostrando que podem ser regionais ou territoriais e ocorrem em função da existência de comunidades linguísticas geograficamente limitadas no interior de uma comunidade mais extensa, a nação. Explicam que os falantes de uma determinada região constituem uma comunidade linguística, que se manifesta e se comporta linguisticamente de forma homogênea, em função do desenvolvimento de um comportamento cultural próprio, distinto do de outras comunidades. A linguagem comum a esses falantes contribui para a identificação e a distinção de sua comunidade.

2.3 DIALETOLOGIA

Dialetologia é o estudo científico dos dialetos linguísticos, um campo da sociolinguística que estuda as variações idiomáticas baseadas primordialmente na distribuição geográfica e características associadas. A dialetologia trata de tópicos como a divergência entre dois dialetos locais a partir de um ancestral comum, e sua variação sincrônica, descreve comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço e lhe estabelece seus limites. (DUBOIS, 2007).

Dubois (2007), afirma que a dialetologia teve sua criação a partir das pesquisas dos neogramáticos, que visavam estabelecer as leis fonéticas, e foi concebido de maneira sistemática pelos trabalhos do linguista alemão George Wenker e do francês Jules Gilliéron.

Desta maneira, os dialetólogos preocupam-se, primordialmente, com as características gramaticais e fonológicas que correspondem a determinadas áreas. Assim, costumam estudar populações que viveram em determinadas regiões por um período de diversas gerações, bem como grupos migratórios que levaram seus idiomas a novas áreas.

Costa (2012) define a dialetologia como o estudo que se propõe a investigar os aspectos variáveis do sistema linguístico, principalmente os que dizem respeito à variação geográfica, e bem antes das pesquisas sociolinguísticas, já se preocupava em demonstrar que a língua é um sistema variável devido a fatores diastráticos, diafásicos e diatópicos, assumindo que tais variações podem determinar a mudança da língua.

Os estudos dialetológicos contemporâneos, portanto, consideram também as variações verticais, ocorrendo uma inserção dos preceitos metodológicos da sociolinguística nas pesquisas de cunho dialetal que passam a considerar dados de ordem social em conjunto com a visão diatópica da língua. Assim, é que os trabalhos geolinguísticos começam a fazer o controle sistemático de algumas variáveis como escolaridade, faixa etária e gênero do informante.

Costa (2012) afirma que o falar rural se constitui em uma rica fonte de estudo por possuir muitos traços linguísticos conservadores, que podem representar estágios anteriores da língua portuguesa. A música regional tem se mostrado uma forte aliada para as pesquisas dialetológicas, à medida que representa um grupo social pertencente a determinadas regiões do país, normalmente pertencentes às camadas desfavorecidas da população, sem muito acesso à urbanização e com uma tradição preponderantemente oral.

2.4 VARIANTES REGIONAIS E PRECONCEITO LINGUÍSTICO

O preconceito linguístico está ligado ao erro linguístico dos falantes tradicionais de falar e estudar a língua como uma coisa morta, deixando de considerar a forma oral do falante, cujos erros estão ligados mitos, conforme descreve.

O que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programa de televisão e de rádio, jornal, revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo”, e o que é “errado” sem falar é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos. (BAGNO, 2003, apud SOUSA, 2013).

Mito 1: “A Língua Portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”. Este mito é prejudicial educação, por não reconhecer que o português falado no Brasil é bem diversificado. A escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse de fato comum a todos os brasileiros. As diferenças de status social no país, explicam a existência do verdadeiro abismo linguístico entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro que compõe a maior parte da população e os falantes da suposta variedade culta, em geral não muito bem definida que é a língua ensinada na escola.

Os meios oficiais insistem em utilizar uma língua padrão, gerando uma espécie de incomunicabilidade entre poderes (constituídos ou não) eo povo. A educação parece ser o ponto mais atingido por esse panorama, apesar de que, desde 1998, os parâmetros curriculares nacionais (PCN's) reconhecem a diversidade linguística. (BAGNO, 2003, apud SOUSA, 2013).

Mito 2: “Brasileiro não sabe Português/só em Portugal se fala bem Português”. Esse mito demonstra complexo de inferioridade, sentimentos de dependência de um país mais antigo e civilizado. Bagno crítica aos que cultuam línguas e costumes estrangeiros como sendo superiores aos aqui. A língua falada e escrita no país vai bem, produzindo uma literatura reconhecida mundialmente pelo grande prestígio que tem, especialmente, por causa da música popular brasileira.

O brasileiro sabe português sim. O que acontece é que o Português do Brasil é diferente do Português falado em Portugal. A língua falada aqui, do ponto de vista linguístico, já tem regras de funcionamento, que cada vez mais se diferenciam da gramática da língua falada em Portugal.

Conclui-se que, nenhum dos dois é mais certo ou mais errado, mais bonito ou mais feio, são apenas diferentes um do outro e atendem às necessidades linguísticas das comunidades que os usam, necessidades linguísticas que também são diferentes. Apesar da mencionada diferença a Língua Portuguesa não deixa de ser português simplesmente, cada indivíduo em seu meio/ região adapta-se à sua maneira de comunicação e cada região tem suas qualidades e seus vícios de linguagem. (BAGNO, 1999, apud SOUSA, 2013).

Mito 3: “Português é muito difícil”. Essa afirmação preconceituosa é bastante parecida com a ideia que acabou de ser vista, de que o “brasileiro não sabe português”. A língua que fala - se segue uma regra que veio da gramática normativa de Portugal. Mas todos os brasileiros vivem numa realidade diferente da deles, isso faz com que esse português seja diferente e essas normas não fazem parte da vida dos mesmos, virando assim um mote de imposições a serem decoradas.

O dia em que a língua se concentra no uso real, vivo e verdadeiro da língua portuguesa no Brasil, é bem provável que ninguém mais continue a repetir que o Português é difícil. Todo falante nativo de uma língua, sabe essa língua, pois sabê-la no sentido científico do verbo saber, significa conhecer intuitivamente e empregar com naturalidade as regras básicas de funcionamento dela.

A regência verbal é caso típico de como o ensino tradicional da língua no Brasil não leva em conta o uso brasileiro do português. Por mais que o aluno escreva o verbo assistir de forma transitiva indireta, na hora de se expressar passará para a forma transitiva direta “ainda não assisti ao filme do Zorro”. Isso por causa da cobrança indevida, por parte do ensino tradicional, de uma norma gramatical que não corresponde à realidade da língua falada no Brasil.

Este mito gera preconceito, porque o português falado é diferente do português escrito de forma culta. O falado está relacionado ao nível social, à região e ao nível social, à região e ao nível intelectual e o escrito é baseado na gramática normativa. As regras aprendidas nas escolas não correspondem à língua que realmente fala-se e escreve - se no Brasil, causando uma grande dificuldade atribuída à língua. Porém, isto ocorre devido à diferença existente entre a língua ensinada e a língua usada. (BAGNO, 1999, apud SOUSA, 2013).

Mito 4: “As pessoas sem instrução falam tudo errado”. De fato, qualquer manifestação linguística que escape do triângulo escola - gramática - dicionário considera-se errada a Língua Portuguesa. Esse mito além de trazer preconceito linguístico, vem acompanhado de preconceito social de que as pessoas de menor aquisição não sabem falar o português, não importa o quanto letrado ele é, mas, o fato de ser pobre vai fazer com que as pessoas olhem como se ele de nada soubesse.

E ainda, observa-se outro preconceito, o regional e este está sempre sendo alimentado pela mídia que desmoraliza certa região, como acontece com os interiores do Nordeste. (BAGNO, 1999, apud SOUSA, 2013).

Uma classe social desprestigiada, marginalizada, que não tem acesso à edu-

cação formal e aos bens culturais da elite sofre as mesmas, quando na verdade é apenas diferente da ensinada na escola. Neste caso, o preconceito linguístico é decorrência de um preconceito social. Do mesmo modo que existe o preconceito contra a fala de determinadas classes sociais, também existem preconceitos contra a fala característica de certas regiões.

Esse preconceito linguístico é embasado na crença de que existe uma única língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Também vem acompanhando de um social, de que as pessoas pobres não sabem falar corretamente o português, não importa a sua cultura ou sua formação, mas o fato de ser pobre vai fazer com que as pessoas olhem como se ele nada soubesse, e um exemplo vivo disso, o ex-presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, que sofre ainda hoje preconceito por ter sido um metalúrgico e pobre durante sua infância e adolescência.

Então, esses dois tipos de preconceitos serão difíceis de combater, mas, deve-se trabalhar isso ainda na escola, mostrando que apesar das diferenças existentes é necessário respeitar o modo da outra pessoa falar, afinal isso é uma consequência do ambiente do qual ela faz parte. (BAGNO, 1999, apud SOUSA, 2013).

Mito 5: “O lugar onde melhor se fala Português no Brasil é o Maranhão”. Essa ideia de que o Maranhão é o lugar onde se fala melhor português nasce do mito de que o português só ser falado corretamente em Portugal, pois se verifica no Maranhão o uso do pronome tu, seguido das formais verbais clássicas, muito utilizadas pelos portugueses.

Não existe nenhuma variedade nacional e regional ou local que seja intrinsecamente “melhor”, “mais pura”, “mais bonita”, “mais correta” que outra. Toda variedade linguística atendente às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam. Quando deixar de atender, ela ineditamente sofrerá transformações para se adequar às novas necessidades.

É preciso abandonar essa ânsia de tentar atribuir a um único local ou a única comunidade de falantes pós “melhor” ou “pior” e passar a respeitar igualmente as variedades da língua, que constituem uma preciosidade dessa riquíssima cultura. Para Bagno, todas têm o seu valor, são veículos plenos e perfeitos de comunicação e de relação entre as pessoas que as falam.

De acordo com Bagno (1999), ao se incentivar o uso da norma culta, não se pode fazê-lo de modo absoluto, fonte de preconceito. Para ele, tem-se de levar em

consideração a presença de regras variáveis em todas as variedades, a culta inclusive. Assim, pode-se perceber que esse mito quebra outro debatido no início, o de a língua ser homogenia. Se no Maranhão o português é mais correto de nas outras regiões é porque eles são diferentes não sendo possível uma língua única. Sendo assim, nos próprios mitos se debatem afinal a língua que é homogênea, não pode ter lugar onde é falada melhor. Não existe “língua pura” e sim uma variedade que deve ser vista de forma correta pelos estudiosos.

Mito 6: “O certo é falar assim porque se escreve assim”. Nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico. A supervalorização da língua escrita, combinada com o desprezo da língua falada, é preconceito. “Apesar disso, é preciso escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada “artificial” e reprovando como “erradas” as pronúncias são resultados naturais das forças internas que governam o idioma.

Com o nascimento da ciência linguística a língua falada passou a ser considerada como verdadeiro objetivo de estudo científico. Afinal, a língua falada, é aprendida pelo falante em contato com a família e com a comunidade.

A fala tenta reproduzir a escrita através de códigos. Não há necessidades de a pessoa saber escrever e ler para se comunicar, pois e ler para se comunicar, pois, existem milhões de pessoas alfabetizadas. No entanto, ninguém pode negar que são falantes perfeitamente competentes de suas línguas maternas. Nenhuma língua do mundo consegue reproduzir a fala com fidelidade.

Esse mito tem como maior colaborador o sistema de ensino, pois é através dele que o aluno de certa forma é obrigado a ler como se escreve, não levando em consideração o ambiente do falante. A ortografia segue regras, devendo ser cumpridas, mas a fala não deve imitar a escrita, pois como podemos perceber em nosso dia-a-dia o ser humano aprende primeiro a falar e depois a escrever, sendo assim é uma hipocrisia afirmar que a língua deve ser como a escrita. (BAGNO, 1999, apud SOUSA, 2013).

Mito7: “É preciso saber gramática para falar e escrever bem”. A afirmação citada acima vive na ponta da língua da grande maioria dos professores de português e está formulada em muitos compêndios gramaticais. “A Gramática é instrumento fundamental para o domínio padrão culta da língua”. Este mito aborda uma das mais delicadas questões do ensino da língua que é a existência das gramáticas, que teriam

com facilidade primeira a descrição do funcionamento da língua, mas, que fatalmente se tornaram, no decorrer do tempo, instrumentos ideológicos de poder e controle social. A norma culta existe independente da gramática. Porém, a manifestação desse mito concretiza uma situação histórica: a confusão existente entre língua e gramática normativa. Isso denuncia a presença de mecanismo ideológica, agindo através da imposição de normas gramáticas conservadoras no ensino da língua.

No entanto, este mito ainda é defendido pela maioria dos professores e vem crescendo muito, pois muitos já passaram por essa cobrança; de aprender a gramática para escrever e falar bem, mas é muito fácil encontrar pessoas que conhecem as regras, porém na hora de escrever não conseguem, pois, esse aprendizado foi de forma fragmentada. (BAGNO, 1999, apud SOUSA (2013).

Mito 8: “o domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social”. Esse mito é aparentado com o primeiro por que ambos tocam em sérias questões sociais. O autor fez uma crítica irônica dizendo que se este mito fosse verdadeiro, os professores ocupariam o topo da pirâmide social, econômico e político do país. É preciso garantir a todos brasileiros o reconhecimento da variação linguística, porque o mero domínio da norma culta não é uma formação mágica que vai resolver todos os problemas de uma pessoa carente, de um dia para outro.

A transformação da sociedade como um todo, está em jogo, pois enquanto todos viverem numa estrutura social cuja existência exige desigualdades sociais profundas, toda tentativa de promover “a ascensão” social dos marginalizados é senão hipócrita e cínica pelo menos de uma boa intenção paternalista e ingênua.

Bagno (1999) mencionou que falar da língua é falar de política e que se não analisada desta forma, se estará contribuindo para a manutenção do círculo vicioso do preconceito linguístico e da injusta social. É importante ressaltar que não basta ensinar aos cidadãos que não sabem falar/ escrever de acordo com as normas estabelecidas, mas também é preciso atacar as causas que impedem o acesso desses falantes à norma culta.

As desigualdades sociais brasileiras são profundas. O acesso à norma linguística culta não é uma fórmula mágica que irá resolver sozinha todos os problemas sociais, mas, se estiver acoplada aos bens culturais, ao acesso à saúde e à habitação, ao transporte de boa qualidade, à vida digna de cidadão merecedor de todo respeito. Quem sabe alguns passos serão dados para melhoria e para a transformação da sociedade como um todo. (BAGNO, 1999, apud SOUSA (2013).

Bagno (1999: 74) afirma que existe um círculo do preconceito linguístico formado pela gramática tradicional, pelos métodos tradicionais de ensino e pelos livros didáticos, em que “a gramática tradicional inspira a prática de ensino, que por sua vez, faz surgir à indústria do livro didático que novamente recorre à gramática tradicional como fonte de inspiração e teorias sobre o ensino da língua, formando assim o círculo vicioso”.

Portanto, ela ainda continua muito usada nas mais variadas práticas de ensino que variam muito de região, de escola e até de professor, de acordo com as normas pedagógicas adotadas, mas hoje já se considera que estão menos rígidas, e assim, o Ministério da Educação mediu esforços para provocar uma reflexão sobre os temas relativos à ética, para que se adote uma mais flexível no ensino da escrita e da língua padrão.

Os parâmetros curriculares nacionais já estão ajudando para que a escola se livre de vários mitos, evitando assim que a cultura de fala de muitas pessoas seja apagada ou considerada inferior. Mas ainda precisa-se esperar para ver todos esses esforços serem refletidos na prática, e para isso os livros didáticos já estão um pouco modificados para acompanhar as novas concepções. (SOUSA, 2013, apud BAGNO, 1999:74).

Bagno (1999:74) denomina ao quarto elemento oculto dentro deste círculo, ao qual é chamado de “comando para gramáticas constituídas por arsenal de livros, manuais de redação de empresas jornalísticas, programas de rádio e de televisão, colunas de jornal e de revista, CD-ROMS”. Esses comandos propagam velhas noções de que “brasileiro não sabe português” e que “português é muito difícil”.

Desta maneira, o círculo vicioso que se forma ao redor do falante da língua portuguesa faz com que ele mesmo pense que nosso português é difícil, ou que ele não sabe falar sua própria língua corretamente. A mídia aproveita-se disso. Devia ser o contrário, aproveitar toda sua força para denunciar tantos preconceitos e não haver este mercado tão intenso que cresce em cima de tantos mitos. É preciso refletir sobre esses mitos.

Ressaltando-se que um dos mitos mencionados mais comuns que circulam na cultura brasileira é o que o português é uma língua muito difícil. Essa ideia que não tem nenhum fundamento se deve a fatores históricos e culturais, onde é feita uma comparação entre o português brasileiro e o português de Portugal. Ele ainda existe

pelo motivo da escola ensinar o tradicional padrão linguístico que ainda está apegado aos dos antigos escritos do português de Portugal.

Por lado, a atitude e a outros de preconceito contra a própria língua precisa ser urgentemente abandonada, não só pela escola, mas, principalmente, pelos professores de Língua Portuguesa, pois acaba provocando nos brasileiros um profundo sentimento de baixa estima linguística e rejeição do modo particular de falar a língua.

2.5 FALARES REGIONAIS DO BRASIL

Os estudos dialetais no nordeste brasileiro é continuação natural de um trabalho desenvolvido cerca de vinte anos de estudos e pesquisas no campo da Dialetoлогия e da Geografia Linguística, desenvolvidos na Universidade Federal da Paraíba e atualmente na Universidade Federal do Ceará.

Apesar dos problemas e dificuldades que tal tipo de trabalho enfrenta, mas com esforço e pertinácia, juntamente com outros abnegados de todo o Brasil, manter os estudos dialetais sempre presentes e atuantes, a fim de que nossos alunos e as gerações futuras possam ter pontos de referência sobre os vários aspectos do Português do Brasil em suas variedades diatópicas, diastráticas e diacrônicas.

A situação atual dos estudos de Dialetoлогия e de Geografia Linguística em nosso país, de modo geral e no Nordeste, em particular, ainda não pode ser considerada ideal, mas até agora foi obtido alguns resultados e suas perspectivas futuras podem vir a serem as melhores possíveis (ARAGÃO, 1978).

Aragão (1978) aborda que os estudos dialetológicos em sentido amplo, e a geografia linguística em particular, não têm ainda tradição muito firmada no Brasil. Apesar do esforço de um grupo de pioneiros como os professores Serafim da Silva Neto, Antenor Nascentes e Cândido Jucá Filho inicialmente e, posteriormente, dos professores Sílvio Elia, Celso Ferreira da Cunha, Nelson Rossi e Heinrich Bunse, poucos são os cursos de Dialetoлогия e Geografia Linguística em nossas universidades e menos ainda os Atlas Linguísticos existentes ou em elaboração.

Numa rápida visão do que há de trabalhos sobre Atlas Linguísticos Regionais em termos de Dialetoлогия e Geografia Linguística pode-se listar os Atlas Linguísticos publicados, os que estão em fase adiantada de elaboração e os projetos que estão se iniciando. Ainda, a nível nacional há uma série de teses, dissertações, monografias,

artigos e comunicações apresentadas em congressos no país e no exterior. Esses trabalhos incluem descrições, análises e caracterizações dos falares regionais populares, nos aspectos fonético-fonológico, léxico, morfossintático e semântico, bem como abordagens sociais e etnolinguísticas de um falar específico e ainda aspectos gramaticais de determinados fatos linguísticos. (ARAGÃO, 1978).

Em especial, os estudos dialetais na região nordestina, até a segunda metade dos anos sessenta e início dos anos setenta, são poucos e em grande parte levados a efeito sem objetivos específicos bem definidos e metodologia adequada. Muitos trabalhos, além de imprecisos quanto à delimitação do corpus, apresentam problemas metodológicos relativos à própria análise do material coletado. Na maioria deles, são considerados apenas alguns níveis de análise. E esta não é exaustiva em cada um dos aspectos sob os quais poderia ser levada a efeito.

Vale ressaltar que os primeiros trabalhos, de modo geral, focalizaram mais o aspecto diacrônico, registrando-se apenas as alterações fonéticas sofridas pela língua, as palavras cujo significado sofreram mudanças na sua evolução em cada Estado ou as que permaneceram com seu significado ou pronúncia inalterados. Isto não quer dizer, entretanto, que todos os trabalhos até então efetuados no Nordeste sejam por absoluta ausência de rigor científico. Há trabalhos realizados com base em pesquisa de campo, com corpus bem delimitado, em que são considerados não só os aspectos puramente linguísticos, mas, também, os aspectos sociais e etnolinguísticos. (ARAGÃO, 1978).

No entanto, há problema também quanto aos trabalhos realizados no Nordeste no que diz respeito à divulgação. Muitas vezes, são conhecidos apenas na instituição onde são realizados, não passando, sequer, para outras instituições do mesmo Estado. A partir de meados dos anos sessenta, com a obrigatoriedade da disciplina Linguística nos cursos de Letras e, na década de setenta, com o surgimento dos cursos de Pós-Graduação em Letras em nossa região, essa situação vem mudando radicalmente.

Na situação atual, a elaboração e publicação de um Atlas Linguísticos no Brasil têm sido feito prioritariamente na região nordestina, por causas ainda não estudadas ou divulgadas. A realidade é de que dos cinco Atlas Linguísticos até aqui publicados, da Bahia, Minas Gerais, Paraíba, Sergipe e Paraná, quatro são de Estados nordestinos, levando-se em conta que para efeito de subvenções e apoio da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste- SUDENE, o Sul de Minas Gerais

é considerado Nordeste.

É de se ressaltar que as Universidades Federais da Bahia, da Paraíba, do Ceará e de Juiz de Fora, possuem equipes de pesquisadores de estudos dialetais em permanente atividade, realizando pesquisas, elaborando monografias, dissertações e teses e divulgando seus trabalhos através de conferências, artigos e comunicações em Seminários e Congressos de Linguística no Brasil e no exterior.

A pesquisa, nesse contexto, tem posição privilegiada, com as exigências da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior / CAPES, do Ministério da Educação e Cultura / MEC e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico / CNPq. (ARAGÃO, 1978).

Nas perspectivas futuras, apesar de todos os problemas até aqui surgidos é de se esperar que os estudos de Dialectologia e Geografia Linguística no Brasil venham em futuro próximo a assumir o papel de relevância que lhes cabe no âmbito dos estudos da Língua Portuguesa, e o Nordeste tem dado sua contribuição neste sentido. Desta maneira, embora muitos dos problemas inicialmente apontados ainda permaneçam, acredita-se que as perspectivas futuras para os estudos dialetais no Nordeste brasileiro são boas e promissoras. Levanta-se em conta para essa afirmação os seguintes fatos:

- 1) Os cursos de Pós-Graduação estão se equipando com modernos instrumentos e meios de comunicação;
- 2) O envolvimento, cada vez maior, de alunos de Graduação nos projetos de pesquisa, através dos programas institucionais de iniciação científica o fortalecimento dos programas de capacitação docente;
- 3) A organização bastante profissional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística - ANPOLL, com seus Grupos de Pesquisa e coordenação nacional dos Cursos de Pós-Graduação e Pesquisa e, acima de tudo;
- 4) A conscientização de professores, pesquisadores e alunos, da importância e valorização dos estudos dialetais em nossa região.

Pode – se observar a partir da consulta aos textos resultados de pesquisas de campo, num país como o Brasil, com 26 estados e um Distrito Federal, é muito pouco o que foi realizado ou está em elaboração no que concerne à Geografia Linguística. Tal fato tem se refletido negativamente no ensino da Língua Portuguesa em nosso

país, por não haver, em termos das variantes diatópicas e diastráticas, um conhecimento da realidade linguística regional e nacional.

Por fim, o professor Serafim da Silva Neto, no seu ‘Guia para os Estudos Dialetológicos no Brasil’, propôs uma série de sugestões para um incremento maior dos estudos de Dialetologia e Geografia Linguística entre nós, às quais poderíamos acrescentar outras que, certamente, fariam com que esses estudos se desenvolvessem mais segura e rapidamente. Este, contudo, poderá ser tema de um novo trabalho. (ARAGÃO, 1978).

2.6 ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL

Cardoso e Mota (2012) citando Aguilera *et al* (1996) apresentaram o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALIB), destacando os antecedentes da história da Geolinguística brasileira, a partir do seu surgimento, em 1996. O Projeto ALIB responde, segundo as autoras, é um desejo expresso por filólogos e linguistas brasileiros e enfaticamente reivindicado por Nascentes (1958, p.7) que, nas suas Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil assinala a importância dos atlas linguísticos.

“Depois de Gilliéron, o fundador da geografia linguística, nenhum verdadeiro estudioso da filologia nega o valor dos atlas linguísticos nem o seu caráter de indispensáveis”. Na segunda metade do século XX, os pesquisadores brasileiros começam a ressaltar a importância e a necessidade de realizar-se um atlas linguístico nacional, obra que colocaria o país junto a alguns países europeus, que já contavam com trabalhos dessa natureza.

Em relação à Língua Portuguesa, Cardoso e Mota (2012) citam o linguista brasileiro Silva Neto (1957), em “breve comunicação”, apresentada no 1º. Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado, em 1950, em Washington, referindo-se ao fato de ainda não se haver realizado, àquela época, o Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e Ilhas, o que considera “uma das mais prementes necessidades da Filologia Portuguesa” e “obra de grande importância, que virá revolucionar os nossos conhecimentos de Filologia Portuguesa e facilitar os nossos incipientes estudos acerca dos falares brasileiro”.

Ressalta a urgência desse atlas, inspirando-se nas palavras de Meillet a respeito do Atlas Ítalo-Suíço, publicado entre 1928 e 1940, como se lê no trecho.

Assim, um atlas linguístico passou a ser interesse de brasileiros pela realização do atlas linguístico do Brasil, o Governo Brasileiro, ao promulgar o Decreto no. 30.643, de 20 de março de 1952, fixa como um dos principais objetivos da Comissão de Filologia da então criada Casa de Rui Barbosa a elaboração de um atlas linguístico do Brasil - “[...] sendo sua finalidade principal a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil” (Art. 3º) -, disposição que vem a ser regulamentada pela Portaria nº 536, de 26 de maio do mesmo ano.

No entanto, apesar desse pronunciamento favorável por parte do governo brasileiro, teve esforços de muitos pesquisadores (notadamente Serafim da Silva Neto, Celso Cunha, Antenor Nascentes e Nelson Rossi) em prol de obra de tal natureza, inúmeras dificuldades impediram a sua realização. Nascentes (1958, p.8), nas Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, retoma essa proposta, especificando (temos de dividir o país em regiões, cada uma com o seu superintendente, ficando o superintendente sob a direção de um técnico, havendo um órgão central supervisor, a Comissão de Filologia).

Começou então o movimento nacional para elaboração do atlas linguístico pela divisão por regiões, pelo professor Serafim da Silva Neto o qual dividiu o país em áreas culturais: Amazônia (Acre, Amazonas, Rio Branco, Pará e Amapá); Nordeste Litoral (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Fernando de Noronha, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe); Nordeste Mediterrâneo (Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Bahia).

Mais adiante, atingiu as regiões Planalto Central (Minas Gerais e sudoeste da Bahia); Centro-Oeste (Goiás e Mato Grosso); Centro-Leste (Rio de Janeiro, Distrito Federal, Espírito Santo, Sul de Minas e São Paulo); Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). No entanto, teve início pelos atlas de regiões onde tenham sido feitas sondagens. Regiões: a Amazônia, a Bahia e o Rio Grande do Sul.

A decisão de elaborar atlas regionais, embora diferente pelo previsto por Nascentes, inspirou inúmeras pesquisas, dando origem a diversos atlas, o primeiro dos quais, o Atlas Prévio dos Falares Baianos, idealizado por Nelson Rossi com a colaboração de Dinah Isensee e Carlota Ferreira, publicado em 1963, inaugurando a Geolinguística brasileira.

Em 1996, iniciou - se o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALIB), nesta época estavam publicados mais quatro atlas regionais — o Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG), em 1977; o Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB), em 1984,

o Atlas Linguístico de Sergipe (ALS), em 1987, e o Atlas Linguístico do Paraná (ALPR), em 1994, encontrando-se, em andamento, o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (ALERS).

Acatada a iniciativa dos componentes do (ALiB), compôs-se o Comitê Nacional que, no seu primeiro momento, ficou constituído pelos autores dos atlas regionais até então publicados — Suzana Alice Cardoso (escolhida como Presidente do Comitê), Jacyra Andrade Mota (Diretora Executiva), ambas da UFBA, Maria do Socorro de Aragão (UFPB/ UFCE), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL) e Mário Roberto Lobuglio Zágari (UFMG) — e por um representante dos atlas em andamento — Walter Koch (UFRGS) — como Diretores Científicos.

O Projeto ALiB que vem ser assumido por esse grupo de dialetólogos, tem ao lado do objetivo geral de fornecer dados empíricos, sistematicamente recolhidos e analisados, para o conhecimento do português do Brasil, os seguintes objetivos específicos:

Descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas) consideradas na perspectiva da Geolinguística.

Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos e de estudos interpretativos de fenômenos considerados.

Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outros ramos do conhecimento — história, sociologia, antropologia, etc. — de modo a poder contribuir para fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil.

Oferecer, aos interessados nos estudos linguísticos, um considerável volume de dados que permita aos lexicógrafos aprimorarem os dicionários, ampliando o campo de informações; aos gramáticos atualizarem as informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica; aos autores de livros didáticos adequarem a sua produção à realidade cultural de cada região; aos professores aprofundar o conhecimento da realidade linguística, refletindo sobre as variantes de que se reveste a língua portuguesa no Brasil e, conseqüentemente, encontrando meios de, sem desprestigiar os seus dialetos de origem, levar os estudantes ao domínio de uma variante tida como culta.

Contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica (ALiB, 2001, p.16).

De fato, definidos os objetivos, implementou - se a metodologia, que vai encontrar suas bases na Dialetologia Pluridimensional contemporânea, que, além de

priorizar a dimensão diatópica, vai se fazer valer dos avanços que a nova realidade dos espaços e de sua ocupação imprimiram à metodologia dos estudos dialetais, considerando também outras dimensões, como a diageracional, diagenérica, diastrática, diafásica.

Assim, para alcançar a abrangência desejada, de acordo os parâmetros metodológicos da Geolinguística Pluridimensional, o Projeto ALiB insere, ao lado da pesquisa da variação diatópica, também a de outras dimensões variacionais, como a diageracional, a diagenérica, a diastrática, a diafásica e a dia referencial.

Do ponto de vista diatópico, a rede, constituída de 250 pontos, distribui-se, geograficamente, por todo o território nacional, levando em conta a densidade demográfica de cada região e de cada Estado, com os ajustes necessários nos casos de áreas com densidade muito baixa, como a região norte e centro-oeste, ou demasiadamente elevada, como na região sudeste, principalmente em São Paulo.

De acordo com a metodologia Geolinguística, o informante deve ser natural da localidade, onde deve ter passado 2/3 de sua vida e filho de pessoas naturais da mesma área linguística. Os afastamentos não devem coincidir com os primeiros anos de vida do indivíduo (fase de aquisição da linguagem), nem com os anos imediatamente anteriores àquele em que se realiza o inquérito.

Entretanto, os questionários utilizados para a constituição do corpus do ALiB compreendem questões especificamente dirigidas para a obtenção de fatos fônicos, inclusive de natureza prosódica (questionário fonético-fonológico- QFF), variantes lexicais (questionário semântico-lexical-QSL) ou de estruturas morfossintáticas (questionário morfossintático-QMS), ao lado de questões de pragmática (QP), questões de natureza metalinguística (QM), temas para discurso semidirigido (TDS) e texto para leitura.

A estrutura das questões se distingue em função do objetivo de cada tipo de questionário, procurando-se obter, no QFF, o registro de uma variante fônica em vocábulos selecionados; no QSL, variantes lexicais características da localidade, a partir do fornecimento dos semas pertinentes; no QMS, variantes morfossintáticas, em questões diretamente dirigidas ao fato ou passíveis de serem flagradas na descrição de uma gravura ou no relato feito pelo informante, como nos exemplos a seguir

Os inquéritos eram totalmente gravados e cópias em DVDs são encaminhadas ao Arquivo Nacional do Projeto ALiB, sediado no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, onde se procede ao controle do feito e à catalogação dos registros.

Resultam, todos eles, do trabalho de campo porque a documentação é integralmente coletada in loco, não importando as distâncias a serem vencidas.

A pesquisa de campo tem de maneira muito forte e incisiva dois veios: o da busca dos dados científicos e o do contato humano que caracteriza o encontro investigador-pessoa investigada. Para um trabalho que segue as pegadas da metodologia geolinguísticas, essas duas trilhas têm um sentido muito particular.

De um lado, permitem registrar informações dos diferenciados usos de uma língua, usos muitas vezes marcados pelo aspecto arcaizante, ou inovador, ou denunciador de certa interferência de grupos imigrantes, ou ainda indicador das mudanças que começam a ser processadas naquela língua.

A ida ao campo tem um antes, um durante e, necessariamente, um depois, como afirmam Cardoso e Ferreira (1994, p.23):

A metodologia do trabalho dialetal - nada obstante reconhecer-se que o fazer é que ensina, o fazer é que dita o método - pode ter alguns passos definidos, no sentido de ordenar e proporcionar melhor rendimento da investigação e disciplinar a pesquisa.

No estado atual, passando por todas essas etapas, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) encontra-se, atualmente: (i) na fase final de levantamento de dados para constituição do corpus, tendo já alcançado a documentação de 93.6% das 250 localidades previstas com 94.2% dos 1.100 informantes programados.

Contando ainda mais com 20 estados onde a pesquisa foi integralmente realizada e se encontra concluída; e (ii) na etapa de análise dos dados, especialmente das capitais de Estado, com vistas à publicação de um primeiro volume de cartas, acompanhado de estudos sobre os fatos linguísticos objeto da cartografia.

Assim, o Projeto ALiB chega ao estágio em que se encontra, presentemente, graças ao trabalho conjunto e coordenado do Comitê Nacional e das Equipes Regionais, estruturado sob a direção de membros do Comitê Nacional, que constituem o que já se convencionou chamar de Família ALiB. Para tanto, dois tipos de ação têm sido de fundamental importância: as reuniões do Comitê Nacional e os workshops nacionais.

As reuniões do Comitê Nacional, das quais a XXXV realizou-se em Salvador, em julho de 2012, por ocasião X Workshop do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, têm

um papel fundamental na condução do projeto. Os workshops se constituem em momentos de fundamental importância para o desenvolvimento do projeto.

Considerando-se que nesses encontros discutem-se a metodologia do trabalho, o andamento da pesquisa, os resultados de análises parciais e as atividades relacionadas à sustentação do trabalho; efetiva-se a discussão continuada da metodologia do trabalho, o andamento da pesquisa avaliando a sua aplicação e procedendo-se a reajustes, quando necessários e indicados pela experiência do trabalho de campo.

Por fim, o Atlas Linguístico do Brasil, proposto como se vem de apresentar, constitui-se em instrumento que nos revela a realidade do português brasileiro, mostra a diversidade de usos e a unidade a que é capaz de chegar a língua no Brasil.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

Esta monografia baseou-se em uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo, com abordagem descritiva para análise quantitativa e qualitativa, através da aplicação de um questionário aos militares do 53º Batalhão de Infantaria de Selva (BIS), para coleta dos dados, visando à discussão dos resultados sobre a “Variação Linguística da Língua Portuguesa” naquele órgão do Exército do Ministério da Defesa.

Segundo Gil (1999:65), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalhos desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo.

Sobre a principal vantagem da pesquisa bibliográfica Gil (1999) informa que, “reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço.

Prestes (2012:20) afirma que, a pesquisa bibliográfica é aquela que se efetiva tentando-se resolver um problema ou adquirir conhecimento a partir do emprego predominante de informações provenientes de material gráfico, sonoro ou informatizado. Para efetuar esse tipo de pesquisa, deve-se fazer um levantamento dos temas e tipos de abordagens já trabalhadas por outros estudiosos, assimilando-se os conceitos e explorando-se os aspectos já publicados, tornando-se relevante levantar e selecionar conhecimentos já catalogados em bibliotecas, editoras, videotecas, na internet, entre outros.

Jardim (2016) citando Brasileiro (2014) diz que a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento fundamental, dando mais importância a qualidade dos significados que as pessoas dão as coisas e a vida não sendo necessária a utilização de dados estatísticos para análise de dados e sim uma análise descritiva com a finalidade de descrever o objeto de estudo e suas características e os problemas relacionados aos fatos e fenômenos

detectados.

Jardim (2015) cita Martins Junior (2014), que conceitua a análise qualitativa como a descrição dos dados obtidos através de instrumento de coleta dos dados com base em entrevistas, observações, questionários, descrições e relatos. Consiste em busca a compreensão particular daquilo que se está investigando, não se preocupando com generalizações, princípios e leis.

Ambos, os autores acima citados, consideram o estudo qualitativo como o objeto da análise de dados e não como pesquisa. Também argumentam que essa análise é feita através das descrições dos sujeitos, em torno de uma questão proposta pelo pesquisador, não sendo necessários ser representados por tabelas ou gráficos.

A pesquisa de campo é uma fase que é realizada após o estudo bibliográfico, para que o pesquisador tenha um bom conhecimento sobre o assunto, pois é nesta etapa que ele vai definir os objetivos da pesquisa, as hipóteses, definir qual é o meio de coleta de dados, tamanho da amostra e como os dados serão tabulados e analisados. (MARCONI e LAKATOS, 1996).

Piana citando José Filho (2006), “o ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos”. A tentativa de conhecer qualquer fenômeno constituinte dessa realidade busca uma aproximação, visto sua complexidade e dinamicidade dialética. [...] a pesquisa possui aspectos teóricos, metodológicos e práticos, transpondo o reducionismo do empirismo.

A realidade é interpretada a partir de um embasamento teórico, sem a pretensão de desvendar integralmente o real e possui um caminho metodológico a percorrer com instrumentos cientificamente apropriados. A respeito do questionário, Jardim (2015) citando Martins Junior (2014) diz que este é um instrumento utilizado para se obter dados de um determinado grupo social por intermédio de uma pesquisa de campo, com questões a ele formuladas. Serve para determinar as características desse grupo em função de algumas variáveis predeterminadas, individuais ou grupais.

Esse autor considera a divisão em que os questionários podem ser elaborados, com questões fechadas, abertas e mistas, sendo que a primeira possui alternativas fixas para o informante assinalar respostas previamente elaboradas. Jardim (2015) citando Brasileiro (2014) conceitua a pesquisa de campo como um instrumento de dados constituídos por uma série ordenada de perguntas descritivas (perfis socioeconômicos, como renda, idade, escolaridade, profissão e outros),

comportamentais (padrões de consumo de comportamento social, econômico e pessoal, dentre outros) e preferenciais (opinião e avaliação de alguma condição ou circunstância).

Tanto Martins Junior (2014) quanto Brasileiro (2014) considera o questionário um excelente instrumento de coleta de dados na pesquisa de campo, porque facilita a tabulação, principalmente, pela padronização de perguntas e respostas, aconselhando uma aplicação previa do questionário com um número reduzido de informantes para testar as questões e reelaborá-las.

Neste estudo, foi aplicado um questionário com base na seguinte questão norteadora: Quais as variações linguísticas que são utilizadas pelos militares do 53º BIS e por que isto acontece? O questionário utilizado para a pesquisa de campo consiste em 18 questões referentes à Natureza e Acidentes Geográficos e 17 questões sobre Fenômenos Atmosféricos, com base no questionário do Atlas Linguístico de Aguilera (1995).

Foram aplicadas 34 perguntas para 20 militares de diferentes regiões do Brasil, selecionados aleatoriamente, mas que atuam temporariamente dentro do (53ºBIS), em Itaituba, que aceitaram voluntariamente com base em um questionário fonético-semântico, cujas respostas foram gravadas e transcritas foneticamente, isto é, do modo que os participantes falavam, no momento da pesquisa, com a finalidade de investigar a pronúncia e o significado de cada variante que os militares trazem de suas referidas regiões para analisar as diferenças de falares presentes na linguagem técnica e jargão militar com base na Sociolinguística.

3.2 AMBIENTE DA PESQUISA



Imagem – 53º Batalhão de Infantaria de Selva. Fonte: Relações Públicas do 53º BIS

O 53º batalhão de Infantaria de Selva teve sua criação a partir do Decreto nº 71.785, de janeiro de 1973. Suas instalações foram concretizadas a partir do Boletim Interino, o Capitão de Infantaria Luiz Fragoso de Albuquerque, responsável pelo Comando do 1º Escalão do Destacamento Precursor composto por dois oficiais e vinte e duas praças, oriundos da 3ª Cia do 1º Batalhão de Infantaria de Selva, sediado na cidade de Manaus. (53º BIS, 2011).

Nesta situação, encontrava-se parcialmente instalado, sendo concretizado com a chegada, em 23 de janeiro de 1975, de um segundo destacamento precursor. Assim, teve sua primeira incorporação de recrutas em 03 de março de 1975, com um total de 165 soldados, deste efetivo somente nove eram cidadãos itaitubenses, o restante veio do excesso de contingente do 8º Batalhão de Engenharia de Construção, sediado na cidade de Santarém/PA.

Seu primeiro comandante efetivo foi o Major de Infantaria Wanderley Gomes de Moraes, que assumiu o comando em 14 de junho de 1975.



Imagem 2 – 53º Batalhão de Infantaria de Selva. Fonte: Relações Públicas do 53º BIS

A data de aniversário do Batalhão é comemorada no dia 2 de janeiro, tendo em vista que foi nesta data, no ano de 1918, que foi criado o 45º de Caçadores, do qual se originou o 1º Batalhão de Infantaria de Selva que mais tarde seria o embrião do 53º BIS que tem objetivos de preparação diuturna de seus quadros e na formação de reservistas aptos a atuar no ambiente de selva.

Além disso, executa ações subsidiárias e colabora com os Órgãos de Segurança Pública (OSP) na pacificação da área conhecida como "Tapajós-Cachimbo", participando de operações de desarmamento, por meio do estabelecimento de Postos de Bloqueio e Controle de Estradas e, subsidiariamente, na assistência às populações carentes.

Atualmente, o 53º BIS é uma organização militar de 1ª Categoria, do Tipo III, composta, dessa forma, por três Companhias de Fuzileiros de Selva e uma Companhia de Comando e Apoio, tendo como principais missões emanadas pelo Escalão Superior, tais como: executar operações de combate, ofensivas e defensivas, em áreas de selva, em quaisquer condições climáticas e meteorológicas; participar de operações aeromóveis e aerotransportadas; participar de operações contra forças irregulares; participar de ações subsidiárias, e; participar de Operações de Garantia da Lei e da Ordem. Por fim, a área de abrangência do 53º BIS possui empreendimentos de alta sensibilidade econômica, como a Mineração Rio do Norte e a Usina Hidrelétrica de Belo Monte. (53º BIS, 2011).

3.3 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Para a pesquisa de campo foram entrevistados 20 militares do 53º BIS com a finalidade de descrever e analisar as variantes linguísticas de (1) soldado (14) sargentos, (1) subtenente e (4) tenentes do Batalhão de infantaria e Selva da cidade de Itaituba, estado do Pará, uma pequena amostra extraída de um contingente de mais de 700 militares que atuam na região.

Tabela 1: Perfil dos entrevistados do 53º BIS

Tabela 1: Perfil dos Entrevistados								
Nº	Iniciais do Nome	Patente	Escolaridade	Estado Civil	Idade	Tempo em Itaituba	Origem	Sexo
01	EAR	Sargento	Ensino Médio Incompleto	Casado	43 anos	39 anos	Imperatriz-MA	M
02	BGF	Tenente	Ensino Superior incompleto	Solteiro	20 anos	4 meses	São Luiz-MA	M
03	JVSP	Tenente	Ensino Superior incompleto	Solteiro	20 anos	4 meses	São Luiz-MA	M
04	ARBL	Sargento	Ensino Superior incompleto	Solteiro	25 anos	1 ano 8 meses	Recife –PE	M
05	ESS	Sargento	Ensino Médio Completo	Solteiro	22 anos	1 ano e 6 meses	Coxim-MGS	M
06	HRS	Sargento	Ensino Médio Completo	Solteiro	24 anos	1 ano e 6 meses	Magé –RJ	M
07	RJVS	Sargento	Ensino Médio Completo	Solteiro	27 anos	2 anos e 6 meses	São Paulo-SP	M
08	RSM	Sargento	Ensino Superior incompleto	Solteiro	24 anos	8 meses	Recife –PE	M
09	BCLN	Tenente	Mestrado	Solteira	26	8 meses	Belém-PA	F
10	GGC	Sargento	Ensino Médio Completo	Casado	29	2 anos	Bocaiúva do Sul	M
11	MRS	Sub-tenente	Ensino Superior Completo	Casado	47 anos	2 anos	Ponta Grossa-PR	M

12	RLA	Tenente	Ensino Superior Completo	Solteiro	25 anos	1 ano	Teresina -PI	M
13	BPFS	Sargento	Ensino Médio Completo	Casado	25 anos	1 ano e 8 meses	Rio de Janeiro-RJ	M
14	LSM	Sargento	Ensino Superior Completo	Casado	27 anos	3 anos	Itaguaí-RJ	M
15	GA	Sargento	Ensino Superior Incompleto	Casado	25 anos	2 anos	Santa Cruz do Sul-RS	M
16	HPS	Sargenta	Ensino Médio Completo	Solteira	24 anos	7 meses	Santa Maria-RS	F
17	ASL	Soldado	Cursando Ensino Superior	Casado	26 anos	16 anos	São Bento - MA	M
18	SPF	Sargento	Ensino Médio Completo	Casado	24 anos	10 meses	Natal -RN	M
19	MSS	Sargento	Ensino Médio Completo	Casado	23	11 meses	São Luís –MA	M
20	NAM	Sargenta	Ensino Superior Completo	Casada	29	10 meses	Tecife-PE	F

Fonte: Lemos (2017)

2.5 REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DOS PERFIS PARTICIPANTES

O gráfico 1, abaixo, mostra o grau dos militares entrevistados em relação à patente profissional dentro do 53º Batalhão de Infantaria e Selva de Itaituba-Pa.

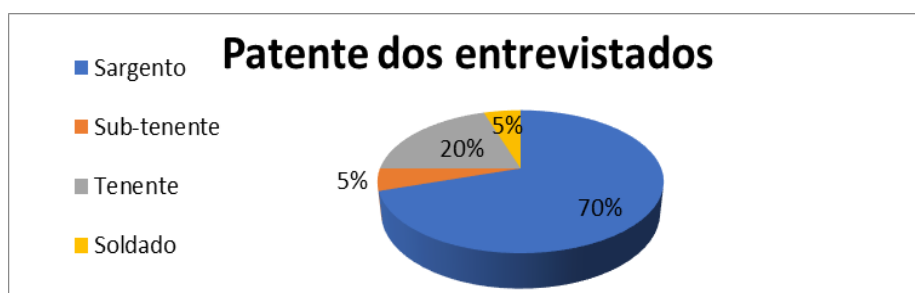


Gráfico 1 – Patente dos entrevistados. Fonte: Lemos (2016)

Dos 20 participantes da pesquisa, 70% referem-se aos Sargentos, indicando a maioria; 20% equivalem aos Tenentes; sendo que 5% são Subtenente e 5% soldado. O gráfico 2, abaixo, mostra o grau dos militares entrevistados referente ao nível de escolaridade em que cada um deles se encontra dentro do 53º Batalhão de Infantaria e Selva de Itaituba-Pará.

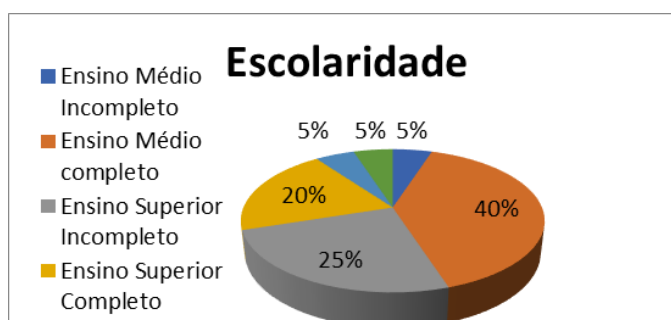


Gráfico 2 – Escolaridade dos Entrevistados. Fonte: Lemos (2016)

Em relação à escolaridade, a maioria dos entrevistados possui o Ensino Médio Completo, equivalendo a 40%; dos 20 participantes da pesquisa, 25% tem Ensino Superior Incompleto; 20% equivalem aos que possui Ensino Médio Completo; o quantificador referente a Cursando Ensino Superior equivale a 5%, e com Mestrado equivale a 5% e também Ensino Médio Incompleto equivale a 5%.

O gráfico 3, abaixo, mostra o grau dos militares entrevistados em relação ao estado civil em que cada um deles se encontra dentro do 53º Batalhão de Infantaria e Selva de Itaituba-Pará.

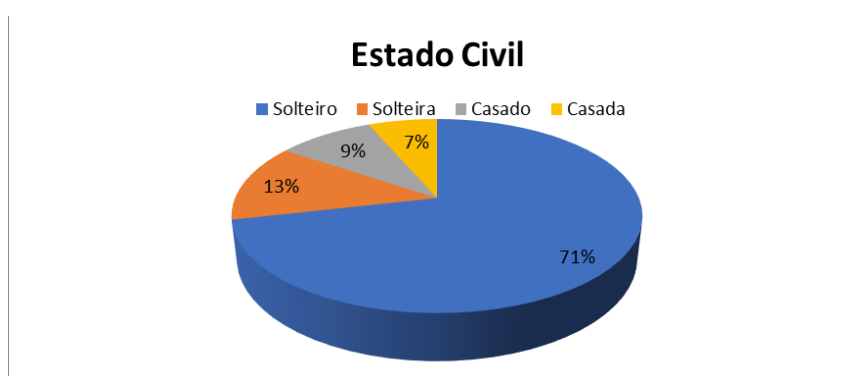


Gráfico 3 – Estado Civil. Fonte: Lemos (2016)

Referente ao estado civil, a maioria dos entrevistados é composta de homens solteiros equivalente a 71%; sendo que 13% são homens casados; 9 % são solteiras e 7% equivale a uma mulher casada.

O gráfico 4, abaixo, mostra o grau dos militares entrevistados referente a idade em que cada um deles se encontra dentro do 53º Batalhão de Infantaria e Selva de Itaituba-Pará.

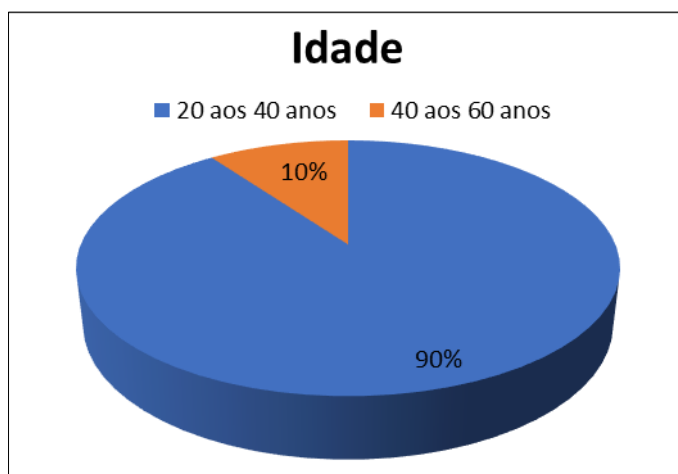


Gráfico 4 – Idade dos Entrevistados. Fonte: Lemos (2016)

Em relação à idade, a maioria dos entrevistados estão entre 20 e 40 anos equivalente a 90%, e sendo a minoria estão entre 40 e 60 anos equivalente a 10%.

O gráfico 5, abaixo, mostra o grau dos militares entrevistados em relação ao tempo em Itaituba em que cada um deles se encontra dentro do 53º Batalhão de Infantaria e Selva de Itaituba-Pará.

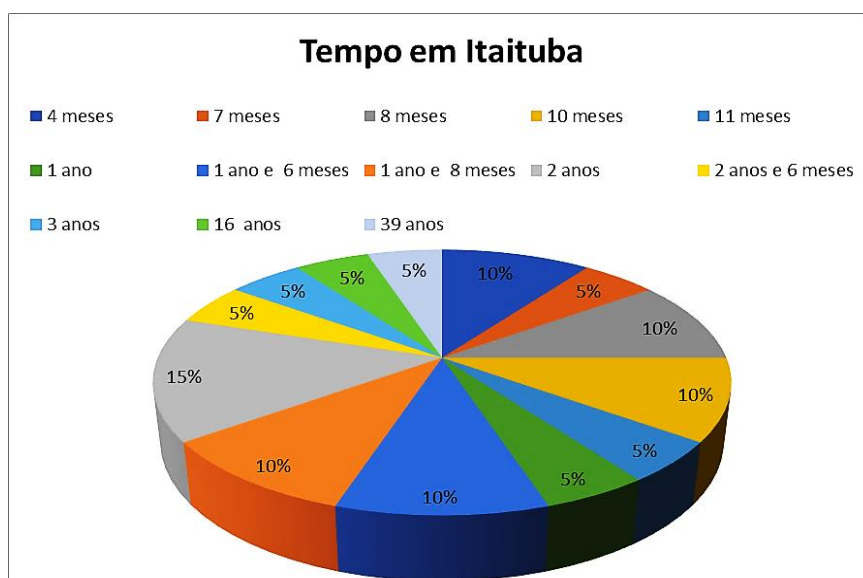


Gráfico 5: Tempo dos entrevistados em Itaituba. Fonte: Lemos (2016)

Em relação ao tempo em Itaituba, a maioria dos entrevistados possui 2 anos equivalendo a 15%, sendo que os entrevistados que possuem 4 meses, 8 meses, 10 meses, 1 ano e 6 meses e 1 ano e 8 meses, ambos equivalentes a 10%, e também entrevistados que possuem 7 meses, 11 meses, 1 ano, 2 anos e 6 meses, 3 anos, 16 anos e 39 anos, equivalente a 5% cada. O gráfico 6, abaixo, mostra o grau dos militares entrevistados referente a origem em que cada um deles se encontra dentro do 53º Batalhão de Infantaria e Selva de Itaituba-Pará.

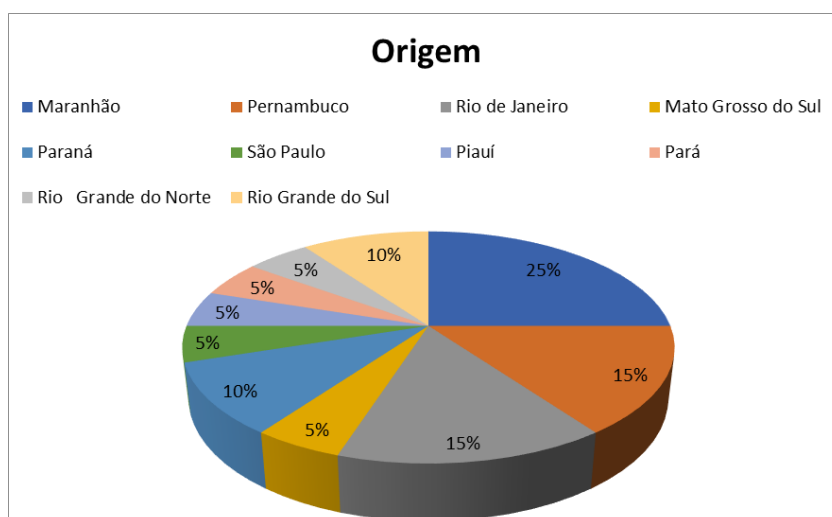


Gráfico 6 – Origem dos Entrevistados. Fonte: Lemos (2016)

Referente à origem dos entrevistados, dos 20 participantes a grande maioria é do Maranhão, equivalendo a 25%, sendo que entrevistados de Pernambuco e Rio de Janeiro, ambos equivalentes a 15%, Paraná e Rio Grande do Sul ambos equivalem cada a 10%, e também entrevistados do Pará, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Piauí, Rio Grande do Norte, equivalente a 5% cada.

O gráfico 7, abaixo, mostra o grau dos militares entrevistados em relação ao sexo em que cada um deles se encontra dentro do 53º Batalhão de Infantaria e Selva de Itaituba-Pará.

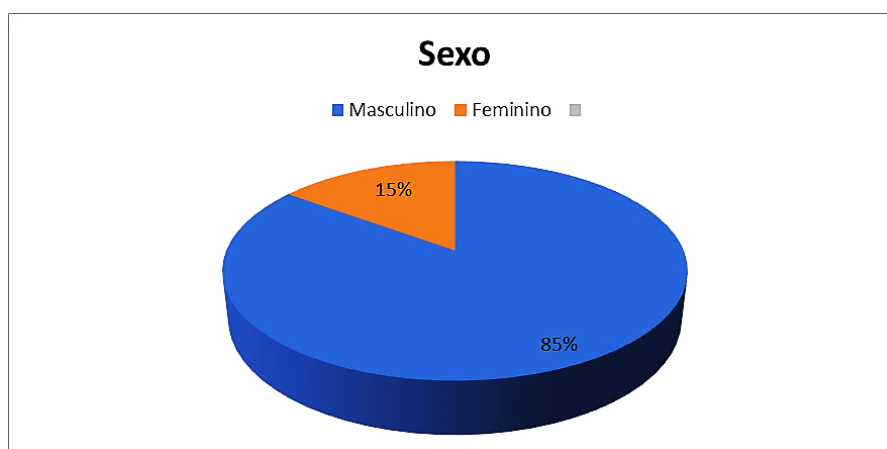


Gráfico 7 – Sexo dos entrevistados. Fonte: Lemos (2016)

Referente ao sexo, a maioria dos entrevistados são do sexo masculino equivalente a 85%, e sendo 15% do sexo feminino. Os gráficos acima mostram análise dos dados dos entrevistados de acordo com a patente, estado civil, idade, escolaridade, tempo em Itaituba, origem e sexo, como forma de contribuição para melhor esclarecimento da pesquisa.

Verifica-se que tendo com maiores porcentagens de acordo com todos os gráficos, os entrevistados com ensino médio completo, com patente de Sargentos, com estado civil solteiro, com idade de 20 a 40 anos, entrevistados com 2 anos no local, com origem do maranhão e entrevistados do sexo masculino. Desta maneira, para obtenção destes resultados o correu um grande trabalho de análise de todos gráficos para que a pesquisa de campo possa ser mais compreensível no campo de leitura.

4 RESULTADOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA

4.1 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A escolha das perguntas foi exclusivamente de natureza linguística retiradas do Atlas Linguístico do Brasil, isso por que a Linguística é a ciência que estuda os fatos da linguagem e descreve a língua como realmente se evidencia, diferentemente, por exemplo, da gramática normativa que descreve a língua a ser materializada pelos falantes, constituída por um conjunto de sinais (as palavras) e por um conjunto de regras, de modo a realizar a combinação desses.

A escolha dos entrevistados foi dos mais variáveis níveis de patentes, escolaridade e idade, como forma de democratizar a pesquisa, sendo pedida a contribuição de cada um deles a responder as perguntas.

As respostas revelam variações Fonéticas, Semânticas, Morfológicas e Sintáticas, considerando que os entrevistados utilizaram expressões com pronúncias diferentes, com mesmo significado, sendo algumas vezes com expressões acompanhadas de verbos e com mais de uma classe de palavra.

4.1.1 Natureza e Acidentes Geográficos

Com base na organização do questionário e coleta de dados de início foi questionado: que tipo de terreno conhece que nome se dá aqui para o terreno ou a terra que fica próximo ao rio e o que se pode plantar neste terreno, obteve-se as respostas seguintes:

<i>E1: vazanti</i>	<i>E11: róça, lavôra</i>
<i>E2: não sabe</i>	<i>E12: vazanti</i>
<i>E3: terrenu arburizadu, terrenu fértiu</i>	<i>E13: várzia</i>
<i>E4: lavôra</i>	<i>E14: várzia</i>
<i>E5: terrenu fértiu</i>	<i>E15: várzia, planice</i>
<i>E6: terrenu fértiu/lavóura</i>	<i>E16: terrenu arenoso</i>
<i>E7: várzea</i>	<i>E17: fértiu</i>
<i>E8: terrenu fértiu</i>	<i>E18: terreno fértiu</i>
<i>E9: terrenu fértiu</i>	<i>E19: bregiu</i>
<i>E10: teRRa fértiu</i>	<i>E20: terra fértiu</i>

Com base nas respostas da primeira questão, verifica-se que os participantes apresentaram variação tanto na Fonética quanto na Semântica, indicando diferentes possibilidades sonoras e de significados de respostas para a mesma pergunta.

O segundo questionamento foi: como chamam aqui um pequeno rio, de uns dois metros de largura, e os participantes disseram:

<i>E1: igarapé</i>	<i>E13: córrego</i>
<i>E2: lagoazinha</i>	<i>E14: córrego, igarapé</i>
<i>E3: garapé</i>	<i>E15: córrego</i>
<i>E4: riachu</i>	<i>E16: rio</i>
<i>E5: córregu</i>	<i>E17: igarapé, lagu</i>
<i>E6: córrego</i>	<i>E18: rio pigueno</i>
<i>E7: córrego</i>	<i>E19: igarapé</i>
<i>E8: charcu</i>	<i>E20: correngu, igarapé</i>
<i>E9: braçu</i>	
<i>E10: cóRRégu</i>	
<i>E11: arrôiu</i>	
<i>E12: riachu</i>	

Com base nas respostas da segunda questão, verifica-se que os participantes apresentaram variação na Fonética e na Semântica, indicando diferentes possibilidades sonoras e de significados de respostas para a mesma pergunta.

Questionou-se que nomenclatura se dá quando: o rio tem um lugar onde a água corre com mais força. Os entrevistados afirmaram:

<i>E1: corrêdêras</i>	<i>E11: local de correnteza</i>
<i>E2: correnteza</i>	<i>E12: remançu</i>
<i>E3: correnteza</i>	<i>E13: correnteza</i>
<i>E4: correnteza</i>	<i>E14: correnteza</i>
<i>E5: canau</i>	<i>E15: correnteza</i>
<i>E6: correnteza</i>	<i>E16: correnteza</i>
<i>E7: correntéza</i>	<i>E17: margem Du rio</i>
<i>E8: correnteza</i>	<i>E18: correnteza</i>
<i>E9: correteza</i>	<i>E19: correnteza</i>
<i>E10: corrênteza</i>	<i>E20: correteza</i>

Com base nas respostas da terceira questão, verifica-se que os participantes apresentaram variação na Fonética, na Semântica e na Morfologia, indicando diferentes possibilidades sonoras, de significados e de mudança de classe de palavra inclusive utilizando mais de uma categoria de respostas para a mesma pergunta.

Solicitou-se os termos de nomeação que dado para o lado do rio. As respostas foram:

<i>E1: magê</i>	<i>E11: margem</i>
<i>E2: beirada</i>	<i>E12: margem</i>
<i>E3: mage</i>	<i>E13: margem</i>
<i>E4: magem</i>	<i>E14: margem</i>
<i>E5: margem</i>	<i>E15: margem</i>
<i>E6: márgem</i>	<i>E16: magem</i>
<i>E7: margem</i>	<i>E17: margem Du rio</i>
<i>E8: margem</i>	<i>E18: margens</i>
<i>E9: margem</i>	<i>E19: margi</i>
<i>E10: Marge</i>	<i>E20: margi</i>

Com base nas respostas da quarta questão, verifica-se que os participantes apresentaram variação na Semântica, na Fonética e na morfologia, indicando diferentes possibilidades sonoras, de significados, de modo diferente de expressar, além de variação morfológica de respostas para a mesma pergunta.

No questionamento seguinte, foi solicitado uma expressão que defina: o que é, ao atravessar rios, igarapés, a gente tem que passar por cima de quê:

E1: *avure caída*
E2: *ponti*
E3: *ponti*
E4: *ponti*
E5: *ponti*
E6: *ponti*
E7: *pontxi*
E8: *ponti*
E9: *ponti*
E10: *ponti*

E11: *ponti*
E12: *ponti*
E13: *ponti*
E14: *ponti*
E15: *ponti*
E16: *ponti*
E17: *ponti*
E18: *ponti*
E19: *ponti*
E20: *ponti*

Com base nas respostas da quinta questão, verifica-se que os participantes apresentaram variação na Fonética e na Semântica, indicando diferentes possibilidades sonoras e de significados de respostas para a mesma pergunta.

Perguntou-se como se chama daquele tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um rio pequeno:

E1: *travessia*
E2: *troncu*
E3: *pinguéla*
E4: *ponti improvisado*
E5: *pinguela*
E6: *pinguéla*
E7: *pequena pontxi*
E8: *pinguela*
E9: *ponti improvisada*
E10: *travessia*

E11: *pinguela*
E12: *ponti*
E13: *passarela*
E14: *pinguela*
E15: *ponti*
E16: *ponti*
E17: *ponti*
E18: *ponti improvisada*
E19: *ponti improvisada*
E20: *ponti*

Com base nas respostas da sexta questão, verifica-se que os participantes apresentaram variação na Semântica, na Fonética e na Fonologia, indicando diferentes possibilidades sonoras e de significados de respostas para a mesma pergunta.

Foi perguntado o nome que dão aqui para o lugar onde o rio nasce:

E1: *nacenti*
E2: *fonti*
E3: *nacenti*
E4: *nascente*
E5: *nacenti*
E6: *nascenti*
E7: *naicenti*

E8: *naicenti*
E9: *nacenti*
E10: *nacenti*
E11: *nacenti*
E12: *olhu d'água*
E13: *naicenti*
E14: *pnacenti*
E15: *nascenti*

E16: *nascenti*
E17: *nascenti du rio*

E18: *nascenti*
E19: *nascenti*
E20: *nascenti*

Com base nas respostas da sétima questão, verifica-se que os participantes apresentaram variação na Fonética, na Semântica e na morfologia, indicando diferentes possibilidades sonoras, de significados e de mudança de classe de palavra nas respostas para a mesma pergunta.

Solicitou-se resposta para o que é o Lugar onde termina o rio ou encontra com outro rio:

E1: *incontru*
E2: *encontru di rio*
E3: *fluenti*
E4: *encontru das águas*
E5: *fóiz*
E6: *fóiz*
E7: *fóz*
E8: *foz*
E9: *fóz*
E10: *fóz*

E11: *fóz*
E12: *desembocadora*
E13: *fóx*
E14: *incontru d'rio*
E15: *fóz*
E16: *encontro das águas*
E17: *encontro das águas*
E18: *foz*
E19: *foz*
E20: *fóx*

Com base nas respostas da oitava questão, verifica-se que os participantes apresentaram variação tanto na Semântica quanto na Fonética, também na morfologia, indicando diferentes possibilidades sonoras e de classe de palavra, inclusive utilizando o apoio de outras categorias para obter os significados para as respostas para a mesma pergunta.

Acrescentou-se a seguinte pergunta: Muitas vezes num rio, a água começa a girar, formando um buraco na água que puxa para baixo. Como se chama isto:

E1: *ridimuinho das água*
E2: *redemoinho*
E3: *remanso*
E4: *redemoinhu*
E5: *rebôju*
E6: *redemuinho*
E7: *redemoinho*
E8: *redemoinhu*
E9: *redemoínhu*
E10: *rêdemuinhu*

E11: *redemoinhu*
E12: *redemoinhu*
E13: *redemoinhu d'água*
E14: *remanço*
E15: *redimoinho*
E16: *redemoinho*
E17: *redemoinhu*
E18: *redemoinhu*
E19: *redemoinhu*
E20: *redemoinho*

Com base nas respostas da nona questão, verifica-se que os participantes apresentaram variação na Fonética e na Semântica, indicando diferentes possibilidades sonoras e de significados de respostas para a mesma pergunta.

Foi perguntado como é o nome do lugar onde a água não é muito funda,

Onde os patinhos gostam de nadar

E1: lagus

E2: lagu

E3: lagoa

E4: lagoa

E5: lagoa

E6: lagu

E7: lagoa

E8: lagu

E9: lagoa

E10: lago, lagôa

E11: lagoa

E12: lagoa

E13: lagoa, lago

E14: lago

E15: lagoa

E16: lago

E17: lagu

E18: lagoa

E19: lagoa

E20: lagu

Com base nas respostas da décima questão, verifica-se que os participantes apresentaram variação na Fonética e na Semântica, indicando diferentes possibilidades sonoras e de significados de respostas para a mesma pergunta.

Solicitou-se a resposta, às vezes o rio rodeia um pedaço ou monte de terra, como se chama para isso:

E1: ilia

E2: ilha

E3: ilia

E4: ilha

E5: ilha

E6: ilha

E7: ilha

E8: ilha

E9: ilha

E10: ilha

E11: ilha

E12: ilha

E13: ilha

E14: ilha

E15: ilha

E16: ilha

E17: ilha

E18: ilha

E19: ilha

E20: ilha

Com base nas respostas da décima primeira questão, verifica-se que os participantes apresentaram variação somente na Fonética, indicando diferentes possibilidades sonoras nas respostas para a mesma pergunta.

Foi solicitado a resposta, e aquele terreno úmido onde a gente, quando passa, onde até afundar os pés:

E1: charcu

E2: mangui

E3: lamaçal

E4: charcu

E5: bréju

E6: mangue

E7: charcu

E8: mangezau

E9: mangue

E10: charcô

E11: banhadu

E12: atoleiro

E13: mangui

E14: mangui

E15: charcu

E16: mangue

E17: charcô

E18: lamaçal

E19: imbrejado

E20: mangui

Com base nas respostas da décima segunda questão, verifica-se que os

participantes apresentaram variação na Semântica e na Fonética, indicando diferentes possibilidades sonoras e de significados de respostas para a mesma pergunta.

Questionou-se, quando chove fica um pouquinho de água, outro pouquinho ali. Que nome que dão para esse pouquinho de água da chuva que fica parada:

E1: póça
E2: pôça d'água
E3: pôca
E4: pôça de água

E5: lamaçau
E6: pôça
E7: pôça d'água
E8: pôça
E9: póca d'água
E10: pôça d'água

E11: póça d'água
E12: pôça d'água

E13: pôça d'água
E14: pôça d'água
E15: póça
E16: poça
E17: poça di água
E18: poça d'água
E19: poça d'água
E20: pôça

Com base nas respostas da décima terceira questão, verifica-se que os participantes apresentaram variação na Fonética e na Semântica, indicando diferentes possibilidades sonoras e de significados de respostas para a mesma pergunta.

Perguntou-se e aquela terra meio branca que serve para fazer construção:

E1: areia
E2: argila
E3: arêa
E4: arêa
E5: arêia
E6: arêa
E7: arêa
E8: area
E9: areía
E10: arêa

E11: areia
E12: arêa
E13: areia
E14: areia
E15: areia
E16: areia
E17: arêa
E18: areia
E19: areia
E20: areia lavada

Com base nas respostas da décima quarta, verifica-se que os participantes apresentaram variação tanto na Semântica quanto na Fonética indicando diferentes possibilidades sonoras e de significados de respostas para a mesma pergunta.

Foi solicitado o nome do movimento da água do rio (imitar o balanço das águas):

E1: banzêru
E2: onda
E3: bamzêro
E4: maré
E5: onda
E6: bambêru
E7: maré
E8: onda
E9: onda
E10: banzêru

E11: banzéru, remanço
E12: onda d'rio
E13: banzeiro
E14: onda
E15: onda
E16: onda
E17: onda, ondas
E18: onda
E19: correnteza
E20: onda

Com base nas respostas da décima quinta questão, verifica-se que os participantes apresentaram variação na Semântica e na Fonética, indicando diferentes possibilidades sonoras e de significados de respostas para a mesma pergunta.

Foi solicitado aos militares como se chama o movimento da água do mar:

<i>E1: maré</i>	<i>E11: onda</i>
<i>E2: maré</i>	<i>E12: onda</i>
<i>E3: correnteza</i>	<i>E13: onda marola</i>
<i>E4: onda</i>	
<i>E5: onda</i>	<i>E14: maré</i>
<i>E6: onda</i>	<i>E15: onda</i>
	<i>E16: onda</i>
<i>E7: onda Du mar</i>	<i>E17: onda</i>
<i>E8: onda</i>	<i>E18: onda</i>
<i>E9: onda, marêzia</i>	<i>E19: maré</i>
<i>E10: onda</i>	<i>E20: onda</i>

Com base nas respostas da décima sexta questão, verifica-se que os participantes apresentaram variação na Semântica e na Fonética, indicando diferentes possibilidades sonoras e de significados de respostas para a mesma pergunta.

Foi solicitado aos militares quando chove, como é que a terra fica e como a gente chama aquela terra depois que chove:

<i>E1: úmida</i>	<i>E11: molhada</i>
<i>E2: lamiada</i>	<i>E12: terra molhada</i>
<i>E3: terra molhada</i>	<i>E13: terra molhada</i>
<i>E4: terra moiada/lama</i>	<i>E14: terra molhada</i>
<i>E5: teRRa molhada</i>	<i>E15: onda</i>
<i>E6: terra molhada</i>	<i>E16: molhada</i>
<i>E7: úmida</i>	<i>E17: moilhada</i>
<i>E8: encharcada</i>	<i>E18: terra molhada</i>
<i>E9: mólhada</i>	<i>E19: molhada</i>
<i>E10: bânhadu</i>	<i>E20: molhada</i>

Com base nas respostas da décima sétima questão, verifica-se que os participantes apresentaram variação tanto na Fonética quanto na Semântica, indicando diferentes possibilidades sonoras e de significados de respostas para a mesma pergunta.

Foi perguntado aos militares “o nome se dá para um lugar que tem água, mas não é lagoa, nem rio, e diz se que lá é que moram os sapos”:

<i>E1: barãu</i>	<i>E8: lagu</i>
<i>E2: açudi</i>	<i>E9: lagu</i>
<i>E3: fonti</i>	<i>E10: lagu</i>
<i>E4: lagu</i>	<i>E11: lagu</i>
<i>E5: bréju</i>	<i>E12: lago</i>
<i>E6: lagu</i>	<i>E13: lagu</i>
<i>E7: lagu</i>	<i>E14: lagoa</i>
	<i>E15: bregiu</i>

E16: lago
E17: lagu
E18: lagu

E19: lagu
E20: lagu

Com base nas respostas da décima oitava questão, verifica-se que os participantes apresentaram variação tanto na Semântica quanto na Fonética indicando diferentes possibilidades sonoras e de significados de respostas para mês-pergunta.

4.1.2 Fenômenos Atmosféricos

A partir dos fenômenos atmosféricos foi perguntado aos militares “o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves”:

E1: redimuínho
E2: redemoinho
E3: ventania
E4: ventus alísios
E5: redemuínhu
E6: redemuínhu
E7: redemuínho
E8: redemoíhu
E9: redemuínhu
E10: rêdemoinhu

E11: redimuínhu
E12: redemoinhu
E13: redemoinho
E14: redemoinho
E15: redemoinho
E16: banzeiro
E17: randamoinhu
E18: redemoinho
E19: redemoinhu
E20: redemoinhu

Com base nas respostas da primeira questão, verifica-se que os participantes apresentaram variação tanto na Fonética quanto na semântica, indicando diferentes possibilidades sonoras e de significados de respostas para a mesma pergunta.

Perguntou-se aos militares “Uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore”:

E1: raiu
E2: raiu
E3: relampagu
E4: raiu
E5: raiu
E6: raiu
E7: raiu
E8: ráiu
E9: ráiu
E10: ráiu

E11: ráiu
E12: raio
E13: raiu
E14: ráiu
E15: ráiu
E16: ráiu
E17: ráiu
E18: ráiu
E19: ráiu
E20: raio

Com base nas respostas da segunda questão, verifica-se que os participantes apresentaram variação tanto na Fonética, quanto na Semântica, indicando diferentes possibilidades sonoras e de significados de respostas para a mesma pergunta.

Solicitou-se qual “a luz que risca o céu em dias de chuva”:

E1: relampidu
E2: relâmpago
E3: raiu
E4: relâmpagu
E5: relâmpagu
E6: relâmpagu
E7: relâmpagu
E8: relâmpagu
E9: relâmpagu
E10: relâmpagu
E11: fuzilo
E12: relâmpagu

E13: relâmpago
E14: raíu
E15: relâmpagu
E16: relâmpagu

E17: trovão
E18: relâmpadu

E19: raíu
E20: raio

Com base nas respostas da terceira questão, percebe-se que os entrevistados apresentaram variação na Semântica e na Fonética, indicando diferentes formas sonoras e de significados de respostas para a mesma pergunta.

Foi perguntado “o barulho forte que se escuta logo depois de um, e que faz muito barulho”:

E1: truvãu
E2: truvãu
E3: truvãu
E4: truvãu
E5: trovãu
E6: trovãu
E7: trovão
E8: truvõu
E9: trôvãu
E10: tróvãu

E11: trovão
E12: trovão
E13: trovão, trovoadã
E14: trovão
E15: truvãu
E16: trovão
E17: trovão
E18: trovão
E19: trovão
E20: trovão

Com base nas respostas da quarta questão, verifica-se que os participantes apresentaram variação tanto na Fonética quanto na Semântica, indicando diferentes possibilidades sonoras e de significados de respostas para a mesma pergunta.

Questionou-se: como se chama “quando vem aquela chuva muito forte com vento que às vezes até derruba casa”:

E1: tempestadi
E2: furação
E3: furacão
E4: ventania, tempestadi
E5: furaçãu
E6: tempestadi
E7: tempestadi
E8: tempestadi
E9: tempestadi
E10: temporau

E11: ventania
E12: temporal
E13: tempestadi, vendaval, ventania
E14: tempestadi
E15: tempestadi
E16: tempestade
E17: tempestadi
E18: tempestadi
E19: tempestade
E20: toró

Com base nas respostas da quinta questão, verifica-se que os participantes apresentaram variação na Fonética, na semântica e na Fonologia, indicando

diferentes possibilidades sonoras e de significados de respostas para a mesma pergunta.

Foi solicitada a resposta aos militares “de uma chuva com vento forte que vem de repente, geralmente no verão”:

<i>E1: temporau</i>	<i>E11: temporal</i>
<i>E2: temporau</i>	<i>E12: temporal</i>
<i>E3: temporau</i>	
<i>E4: temporau</i>	<i>E13: chuva di verão, temporal</i>
	<i>E14: chuva d'verão</i>
<i>E5: temporau</i>	<i>E15: temporal</i>
<i>E6: temporau</i>	<i>E16: temporal</i>
<i>E7: temporau</i>	<i>E17: temporal</i>
<i>E8: temporau, chuvarada</i>	<i>E18: temporal</i>
<i>E9: toró</i>	<i>E19: chuva d'verão</i>
<i>E10: temporau</i>	<i>E20: temporal</i>

Com base nas respostas da sexta questão, verifica-se que os participantes apresentaram variação tanto na Semântica quanto na Fonética, indicando diferentes possibilidades sonoras e de significados de respostas para a mesma pergunta.

Em seguida perguntou-se um nome especial para algum temporal:

<i>E1: ventania</i>	<i>E11: toró</i>
<i>E2: ventania</i>	<i>E12: chuva convectiva</i>
<i>E3: garoa</i>	<i>E13: chuva di verão</i>
<i>E4: ventania</i>	<i>E14: toró</i>
<i>E5: temporau</i>	<i>E15: toró</i>
<i>E6: chuva de verão</i>	<i>E16: temporal</i>
<i>E7: temporau</i>	<i>E17: vento d'água</i>
<i>E8: temporau</i>	<i>E18: chuva d'verão</i>
<i>E9: temporáu</i>	<i>E19: chuva d'verão</i>
<i>E10: chuva di verãu</i>	<i>E20: temporal</i>

Com base nas respostas da sétima questão, verifica-se que os participantes apresentaram variação na Semântica e na Fonética, indicando diferentes possibilidades sonoras e de significados de respostas para a mesma pergunta.

Foi perguntado sobre o tipo de chuva muito forte e pesada:

<i>E1: toró</i>	<i>E11: toró</i>
<i>E2: não sabi</i>	<i>E12: toró d'água</i>
<i>E3: tempestade</i>	<i>E13: dilúvio</i>
<i>E4: chuva forti</i>	<i>E14: toró</i>
<i>E5: toró d'água</i>	<i>E15: toró</i>
<i>E6: tromba D'água</i>	<i>E16: toró</i>
<i>E7: tromba D'água</i>	<i>E17: enxurrada</i>
<i>E8: toró</i>	<i>E18: toró</i>
<i>E9: toró</i>	<i>E19: toró</i>
<i>E10: toró d'água</i>	<i>E20: toró</i>

Com base nas respostas da oitava questão, verifica-se que os participantes apresentaram variação tanto na Fonética quanto na Semântica, indicando diferentes possibilidades sonoras e de significados de respostas para a mesma pergunta.

Pediu-se para responderem sobre o tipo de chuva bem fininha:

<i>E1: garôra</i>	<i>E11: garoa</i>
<i>E2: serenu</i>	<i>E12: chuviscu</i>
<i>E3: chuviscu</i>	<i>E13: garoa</i>
<i>E4: garôa</i>	<i>E14: garoa</i>
<i>E5: garôa</i>	
<i>E6: garôa</i>	
<i>E7: garôa</i>	<i>E15: garoa</i>
<i>E8: chuviscu</i>	<i>E16: garoa</i>
	<i>E17: chuviscu</i>
<i>E9: garôa</i>	<i>E18: chuviscando</i>
	<i>E19: chuviscu</i>
<i>E10: garôa</i>	<i>E20: garoa</i>

Com base nas respostas da nona questão, verifica-se que os participantes apresentaram variação tanto na Semântica quanto na Fonética indicando diferentes possibilidades sonoras e de significados de respostas para a mesma pergunta.

Originou-se a pergunta, como se chama essas manchas brancas no céu:

<i>E1: núvi</i>	<i>E11: nuvem</i>
<i>E2: nuvens</i>	<i>E12: nuvem</i>
<i>E3: nuvem</i>	<i>E13: nuvem</i>
<i>E4: nuvens</i>	<i>E14: nuvem</i>
<i>E5: nuvem</i>	<i>E15: nuvem</i>
<i>E6: nuvem</i>	<i>E16: nuvem</i>
<i>E7: nuvem</i>	<i>E17: nuvens</i>
<i>E8: nuvem</i>	<i>E18: nuvem</i>
<i>E9: nuvem</i>	<i>E19: nuvens</i>
<i>E10: nuvem</i>	<i>E20: nuvens</i>

Com base nas respostas da décima questão, verifica-se que os participantes apresentaram variação na Fonética e na Semântica, indicando diferentes possibilidades sonoras e de significados de respostas para a mesma pergunta. Foi pedida a resposta de como se chama uma chuva que é bem fininha e demora a passar:

<i>E1: xuviscu</i>	<i>E12: chuviscu</i>
<i>E2: xuviscu</i>	<i>E13: chvisco, chuvinha</i>
<i>E3: garôa</i>	<i>E14: chuvisco</i>
<i>E4: garôa</i>	<i>E15: chuvisco</i>
<i>E5: garôa</i>	<i>E16: chuviscu</i>
<i>E6: chuviscu</i>	<i>E17: chuviscu</i>
<i>E7: chuviscu</i>	<i>E18: chuviscu</i>
<i>E8: chuviscu</i>	<i>E19: sereno</i>
<i>E9: chuvíscu</i>	<i>E20: chuvisco</i>
<i>E10: garôa, chuviscu</i>	
<i>E11: chuva demorada</i>	

Com base nas respostas da décima primeira questão, verifica-se que os participantes apresentaram variação tanto na Fonética quanto na semântica, indicando diferentes possibilidades sonoras e de significados de respostas para a mesma pergunta.

Perguntou-se sobre aquela chuva que dá e passa:

<i>E1: chuva rápida</i>	<i>E11: chuva passageira</i>
<i>E2: chuva passageira</i>	<i>E12: chuva passageira</i>
<i>E3: chava rápido</i>	<i>E13: chuva passageira</i>
<i>E4: chuva rápida</i>	
<i>E5: chuveirinho</i>	<i>E14: chuva passageira</i>
<i>E6: chuva passageira</i>	<i>E15: chuva passageira</i>
<i>E7: chuva rápida</i>	<i>E16: chuva passageira</i>
<i>E8: chuveiro</i>	<i>E17: chuva passageira, chuva</i>
<i>E9: tempestade, chuva passageira</i>	<i>Rápida</i>
<i>E10: chuva passageira, chuva</i>	<i>E18: chuva passageira</i>
<i>de verão</i>	<i>E19: chuva passageira</i>
	<i>E20: chuva passageira</i>

Com base nas respostas da décima segunda questão, verifica-se que os participantes apresentaram variação na Fonética e na Semântica, indicando diferentes possibilidades sonoras e de significados de respostas para a mesma pergunta.

Solicitou-se o nome daquela chuva que quando vem deixa tanta água e essa água vai levando tudo, lava a cidade:

<i>E1: chuva forti</i>	<i>E11: enxurrada</i>
<i>E2: enxurrada</i>	<i>E12: enxurrada</i>
<i>E3: enxurada</i>	<i>E13: enxurrada</i>
<i>E4: temporal</i>	<i>E14: enxurrada</i>
<i>E5: enxórrada</i>	<i>E15: enxurrada</i>
<i>E6: enxurada</i>	<i>E16: enxurrada</i>
<i>E7: enxurrada</i>	<i>E17: enxurrada</i>
<i>E8: chuarada</i>	<i>E18: enxurrada</i>
<i>E9: enxurrada</i>	<i>E19: enxurrada</i>
<i>E10: enxurada</i>	<i>E20: enxurrada</i>

Com base nas respostas da décima terceira questão, verifica-se que os participantes apresentaram variação tanto na Semântica quanto na Fonética indicando diferentes possibilidades sonoras e de significados de respostas para a mesma pergunta.

Foi solicitada a resposta, Quase sempre depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas gesticular, simultaneamente dão um nome a essa faixa:

<i>E1: arcu-iris</i>	<i>E7: arcúris</i>
<i>E2: acu-íris</i>	<i>E8: arcúris</i>
<i>E3: arcu-iris</i>	<i>E9: arcoíris</i>
<i>E4: arcúris</i>	<i>E10: arco-íris</i>
<i>E5: arcúris</i>	
<i>E6: arcoíris</i>	<i>E11: arcoíris</i>

E12: arcúíris
 E13: arcoíris
 E14: arcoíris
 E15: arcúíris

E16: arcoíris
 E17: arcoíris
 E18: arcoíris
 E19: arcoíris
 E20: arcoíris

Com base nas respostas da décima quarta questão, verifica-se que os participantes apresentaram variação na Fonética, indicando diferentes possibilidades sonoras das respostas para a mesma pergunta.

Foi solicitada a resposta, pela manhã, a grama geralmente está molhada, e há algo que molha a grama:

E1: serenu
 E2: neblina
 E3: orvalho
 E4: órvalio
 E5: orvalhu
 E6: orvália
 E7: serenu
 E8: sérenu
 E9: orvalho
 E10: orvalhu

E11: orvalhu
 E12: orvalho
 E13: orvalho/sereno
 E14: sereno
 E15: sereno
 E16: orvalho
 E17: névua
 E18: sereno
 E19: sereno
 E20: orvalhu

Com base nas respostas da décima quinta questão, verifica-se que os participantes apresentaram variação tanto na Fonética quanto na Semântica indicando diferentes possibilidades sonoras e de significados de respostas para a mesma pergunta.

Perguntou-se aos militares, o que é que, muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo:

E1: nevoeiro
 E2: neblina
 E3: neblina
 E4: neblina
 E5: neblina
 E6: neblina
 E7: neblina
 E8: névuêro
 E9: névua
 E10: neblina/cerração
 E11: cerração

E12: nevoeiro
 E13: neblina
 E14: neblina
 E15: cerração
 E16: cerração
 E17: névua, nevueiro
 E18: neblina
 E19: neblina
 E20: neblina

Com base nas respostas da décima sexta questão, verifica-se que os participantes apresentaram variação na Semântica e na Fonética, indicando diferentes possibilidades sonoras e de significados de respostas para a mesma pergunta.

Foi perguntado, como é falado quando termina a chuva e o sol começa a

aparecer:

E1: *estiô u tempu*
 E2: *não sabi*
 E3: *estiar*
 E4: *auróra*
 E5: *estiagem*
 E6: *estiá*
 E7: *estiagem*
 E8: *estiada*
 E9: *estiá*
 E10: *abriu u tempu*

E11: *estiar*
 E12: *estiar*
 E13: *estiu/estiar*
 E14: *estiada*
 E15: *o sol nasceu*
 E16: *nascer Du sol*
 E17: *estiar*
 E18: *estiar*
 E19: *ta passando a chuva*
 E20: *estiagem*

Com base nas respostas da décima sétima questão, verifica-se que os participantes apresentaram variação na Semântica, na Sintaxe e na Fonética, indicando diferentes possibilidades sonoras, de função sintática e de significados de respostas para a mesma pergunta.

4.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Elaborar pesquisa desta natureza, com a colaboração de obras e autores renomados no mundo da Linguística e da Língua Portuguesa, ajuda a ampliar o conhecimento e a ter um melhor entendimento sobre variação linguística, a partir da descrição, análise e discussão sobre o tema em foco.

Câmara Jr (1975) trata das condições que favorecem o estudo da linguagem à proporção que a sociedade se desenvolve e se torna cada vez mais complexa, desde a invenção da escrita. Simultaneamente faz com que os homens percebam a existência de formas linguísticas, na medida em que eles tenham que reduzir os sons da linguagem à modalidade escrita convencional, sociedade.

Borba (1975) aborda sobre fonética como um ramo da Linguística que estuda a natureza física da produção e da percepção dos sons da fala humana, parte da gramática que se preocupa com a parte significativa do signo linguístico e não com o seu conteúdo.

Em relação à semântica, Pires de Oliveira (2007) afirma que se caracteriza como estudo do significado, mostrando a relação entre significantes, tais como: palavras, frases, sinais e símbolos, e o que eles representam, a sua denotação.

Com as bases teóricas de Grodt e Schneider (2007), Calvet (2002), e outros, afirmam que sociolinguística “esclarece as diferentes convicções e os diferentes comportamentos no que se refere à língua de grupos inteiros ou classes inteiras da sociedade. Assim, considerando que língua e sociedade são duas realidades que se

inter-relacionam de tal modo que é impossível conceber-se a existência de uma sem a outra.

Referente à variação Linguística e as variedades linguísticas, Alves e Martin (2010) distinguem a variação como fenômeno que ocorre em função de um ambiente em que há falantes, existem registros formais, coloquiais, variações regionais, gírias que fazem a riqueza de uma língua em uso. Mesmo o conjunto de normas atribuídas às grandes cidades, a considerada língua de prestígio, é conhecida por padrão ou norma culta, é aquela tradicionalmente ensinada na escola e que seguem mais de perto as regras estabelecidas pelas gramáticas normativas.

Marinho e Val (2006) afirmam também que a variação linguística pode ocorrer em função dos falantes, assim como em função dos usos que estes fazem da língua, atribuindo principalmente à variação dialetal e a variação de registros, uma relacionada os usuários da língua e ao grupo social a que pertencem, e a outra ocorre em função do uso que um mesmo falante faz da língua nas diversas situações em que produz uma atividade verbal. Em função disso, as variedades geográficas podem ser regionais ou territoriais e ocorre em função da existência de comunidades linguísticas geograficamente limitadas no interior de uma comunidade mais extensa, a nação.

Sousa (2013) se refere às variantes linguísticas, afirmando que cada região e cada grupo sociocultural têm seus falares, e cada cidadão também tem o seu falar. Ele a define pela forma determinada pela comunidade de falantes, vinculados por relações sociais ou geográficas, a qual usa as formas linguísticas da língua natural.

Santana e Neves (2015) concordam que as variações geográficas são relacionadas à variação diatópica e são distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas. Já a variação diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores e que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. Referente às variedades geográficas as autoras afirmam que podem ser regionais ou territoriais e ocorrem em função da existência de comunidades linguísticas geograficamente limitadas no interior de uma comunidade mais extensa, a nação.

Referindo-se à Dialetologia, Dubois (2007) a define como um estudo científico dos dialetos linguísticos, um campo da Sociolinguística que estuda as variações idiomáticas baseadas, primordialmente, na distribuição geográfica e com características associadas, a qual teve sua criação a partir das pesquisas dos neogramáticos, que visavam estabelecer as leis fonéticas.

Lucena e Castedo (2007) definem Dialetologia como a maneira estudar das variações geolinguísticas e os novos enfoques relacionados com a variação social (dialetologia social e urbana), oferecendo uma valiosa informação da língua na sociedade.

Costa (2012) conceitua a Dialetologia como o estudo que se propõe a investigar os aspectos variáveis do sistema linguístico, principalmente os que dizem respeito à variação geográfica, assim os estudos contemporâneos, portanto, consideram também as variações verticais, ocorrendo uma inserção dos preceitos metodológicos da Sociolinguística nas pesquisas de cunho dialetal.

Aragão (1978) em suas obras trata dos estudos dialetais no nordeste brasileiro, diz que é continuação natural de um trabalho desenvolvido cerca de vinte anos de estudos e pesquisas no campo da Dialetologia e da Geografia Linguística. Ela indaga que os estudos dialetológicos em sentido amplo, e a geografia linguística em particular, em um período em que estes estudos não têm ainda tradição muito firmada no país. Assim, em nível nacional, apesar de poucos trabalhos sobre estudos dialetais regionais, atualmente há uma série de teses, dissertações, monografias, artigos e comunicações apresentadas em congressos no país e no exterior, como forma de incentivo a novos admiradores deste campo da geografia linguística.

Cardoso e Mota (2012) apresentam Aguilera *et al* (1996), sem dúvida é a maior referência, no que se diz respeito à pesquisa de campo linguístico, ponto de partida para confecção deste estudo. A autora apresenta o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALIB), destacando os antecedentes da história da Geolinguística brasileira, a partir do seu surgimento, em 1996. O Projeto de Criação de Atlas Linguístico foi um desejo expresso por filólogos e linguistas brasileiros e, enfaticamente reivindicado por Nascentes (1958), que deu Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil e também, recebendo contribuições de bases teóricas de “Gilliéron”, o fundador da geografia linguística, pois nenhum verdadeiro estudioso da filologia nega o valor dos atlas linguísticos nem o seu caráter de indispensáveis.

Em relação ao preconceito linguístico, está relacionado ao erro linguístico dos falantes da maneira de transmitir falar e de estudar a língua como uma coisa morta, deixando de considerar a forma oral do falante.

Bagno (2015) define o preconceito linguístico em oito mitos: o primeiro mito “língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”, o segundo mito “Brasileiro não sabe português/só em Portugal se fala bem português”,

o terceiro mito “Português é muito difícil”, o quarto mito “As pessoas sem instrução falam tudo errado”, quinto mito “O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o maranhão”, o sexto mito “O certo é falar assim porque se escreve assim”, o sétimo mito “É preciso saber gramática para falar e escrever bem”, o oitavo mito “o domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social”.

Bagno (2015) também mencionou que falar da língua é falar de política e que se não analisada desta forma, se estará contribuindo para a manutenção do círculo vicioso do preconceito linguístico e da injusta social. E o mesmo afirma que existe um círculo do preconceito linguístico formado pela gramática tradicional, pelos métodos tradicionais de ensino e pelos livros didáticos, em que “a gramática tradicional inspira a prática de ensino, que por sua vez, faz surgir à indústria do livro didático que novamente recorre à gramática tradicional como fonte de inspiração e teorias sobre o ensino da língua, formando assim o círculo vicioso”.

Respeitando o ponto de vista de cada autor, como uma forma de comparar os militares como classe social privada, é a maneira de fazer uma uniformização da fala, mas apesar desta provável uniformização, verifica-se que eles estão inseridos também no meio civil, seja, “no meio social da comunidade que estão instalados”. Assim, falares inseridos dentro da unidade militar provam que o indivíduo ao se inserirem um local em que há falantes, sempre compartilhará variantes.

No campo de pesquisa, verificou-se que os entrevistados ao ser questionados, apesar de pouco tempo no local, alguns afirmavam que algumas palavras aprenderam no ambiente, assim, fortalecendo a pesquisa, e confirmando que uma língua sempre estará em processo de atualização, sendo preciso compreender que essas mudanças não acabam no tempo, porém se manifestam no meio social e em cada espaço, e em que qualquer língua e lugar ela se prolonga ou se transforma.

5 CONCLUSÃO

Os estudos sociolinguísticos mostram que uma língua nunca se caracteriza de maneira uniforme, nem um indivíduo fala igualmente a outro. Desta maneira, há inúmeras possibilidades de comunicar-se ao usar uma língua específica. Não há um pensamento norteador homogeneamente, de forma principal, no que diz respeito ao padrão ideal na fala, que abre portas para um pensamento mais abrangente aos indivíduos falantes.

Ficou entendido que as diferenças no modo de falar de cada pessoa estão presentes em qualquer língua, diversidades e possibilidades que caracterizam as mudanças, e se manifestam no meio social e em cada espaço do ambiente. Essas mudanças sejam variantes locais, regionais e nacionais acontecem a todo instante, que obriga a adaptações radicais no linguajar local.

Desta maneira, afirma - se que num território em que há seres falantes, existem registros formais, coloquiais, variações regionais e gírias que fazem a riqueza de uma língua em uso. No local de pesquisa, 53º Batalhão de Infantaria e Selva, houve a descoberta de um alto grau de diversidade e variabilidade, e suas diferenças devem-se ao fato da Comunidade Militar apresentar uma grande movimentação de militares, anualmente, de diferentes regiões do país. A partir daí concretizaram-se diferentes variedades de falares, e, por incrível que pareça, sempre desenvolvendo um aspecto igualador do linguajar padrão, tradicional, mas com diferentes sotaques.

Ações foram executadas para alcançar a meta de identificar, descrever e investigar as variantes. Como resultado da pesquisa, constatou-se que existem formas diferentes de uso e que não existe forma padrão mais importante que outra de linguagem e que, mesmo sendo da mesma região, estado e comunidade, não se evidenciaram grandes alterações na Semântica, sendo as variações mais importantes presentes na Fonética regional.

Apesar de pouco tempo de alguns entrevistados no local, assimilavam algumas palavras que aprenderam a pronunciar no ambiente. De fato, também variantes assimiladas e trazidas de suas respectivas regiões, foram detectadas, como: em vez de dizerem (*pinguela* que é conhecido na região, respondiam *ponte improvisada*), assim, fortalecendo a pesquisa, e confirmando que uma língua sempre estará participando no processo de atualização. Certifica - se que, no Brasil, não há interesse e nem se leva em conta a diferenciação linguística na fala, principalmente

nas escolas, potencializando um preconceito linguístico em relação aos falantes com sotaques regionais.

Nos dias atuais, a ciência da linguagem possibilita a investigação das atitudes linguísticas e do percurso linguístico de uma determinada comunidade, mesmo procurando uma conexão entre linguagem e sociedade e abrangendo a maneira como linguagem oral é usada em diferentes contextos sociais.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de A. **Atlas linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná/Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1994/1995.

AGUILERA, V.; ARAGÃO, M.S.S.; CARDOSO, S.A.M.; KOCH, W.; MOTA, J.A.; ZÁGARI, M.R.L. **Questionários 2001**. Londrina: EDUEL, 2001.

AGUILERA, V. de A. De Quirinópolis-GO: a entrevista no. 1 do ALiB. In: CARDOSO, S. A; MOTA, J. A. (Org.). Documentos 2: projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p.229-238.

ALMEIDA, Carlos Bacelar; "**Lógica Proposicional**", Página 2, 2007.

ALVES, Roberto Hernandes. **Língua portuguesa/** Roberto Hernandes Alves, Vilma Lia Martin; ilustrações André Figueiredo... [et al.].- Curitiba: positivo,2010.

ARAGÃO, M. do Socorro Silva de. **Falares nordestinos: algumas observações e proposições de um projeto para o nordeste**. I Congresso Nacional de Sociolinguística e Etnolinguística. João Pessoa: UFPB, 1978.

BAGNO, M. (1999). **Pesquisa na escola: o que é como se faz**. 2ª Ed. são Paulo: Loyola.

_____. (2003). **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial.

_____. **Preconceito Linguístico**. 56ª edição revista e ampliada. São Paulo. Parábola Editorial, 2015.

BORBA, Francisco S. (1975). **Introdução aos Estudos Linguísticos** (São Paulo: Companhia Editora Nacional). P. 251.

BRASILEIRO, Maria Lucia Almeida. **Pesquisa em enfermagem**. Londrina-PR 2014.

CALVET, Louis-jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola.

CÂMARA JR, J. M. **História da Linguística**. 6ª Ed. Vozes: Petrópolis, RJ, 1975

CARDOSO, S. A.; MOTA, J. A. **The project linguistic atlas of Brazil: antecedents and current stage**. Alfa, São Paulo, v.56, n.3, p.845-860, 2012.

CARDOSO, S.; FERREIRA, C. **A dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

COSTA, G. B. **Da Música Regional Como Fonte de Pesquisa Dialectológica: O Português Rural na Música de Elomar**. Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Ano 08 - n.15 – 2º Semestre de 2012.

DUBOIS, Jean. **Dicionário de Linguística**. 8ª ed., Editora Cultrix, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **mini Aurélio**. 8 ed. Curitiba: Positivo, 2010. p. 516.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnica de pesquisa social**. Ed. Atlas 5º ed. São Paulo, 1999.

GILLIÉRON, J.; EDMONT, E. **Atlas Linguistique de la France**. Paris: Honoré Champion, 1902-1910.

GRODT, Aline; SCHNEIDER, André. **Resenha de “Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação”**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – Revel. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

JARDIM, Deivid Sousa. **Comunicação Interpessoal entre Enfermeiros nos Plantões: a Linguagem Escrita nos Prontuários**. Itaituba: FAI, 2016.
53º BIS - Histórico. Consultado em 18 de junho de 2011

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARINHO, JHC; VAL, M. G.C. **Variação linguística e ensino: caderno do professor**. Belo Horizonte: CEALE, - (Coleção Alfabetização e Letramento) 2006.

MARTINS JUNIOR, J. **Como escrever trabalhos de conclusão de curso**. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 2014

MATOS, Denilson/ **Língua Portuguesa II: Morfologia I**/Denilson Matos. __IESDE Brasil S.A, 2009.168 p.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.
O Batalhão. 53º BIS. Consultado em 18 de junho de 2011.

MUSSALIN, Fernanda & BENTES, Anna Cristina (2006). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 1. São Paulo: Contexto.

NASCENTES, A. **Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC: Casa de Rui Barbosa, 1958. v. I.

PIANA, M.C. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional** / Maria Cristina Piana. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

OLIVEIRA, Roberta Pires; BASSO, Renato Miguel. **A Semântica, a pragmática e os seus mistérios**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. V. 5, n. 8, março de 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia**. 4º edição- São Paulo: Rêspel, 2012.

SANTANA, J. & NEVES, M. **As Variações Linguísticas e Suas Implicações na Prática Docente**. Millenium, 48 (jan/jun). P. 75-93, 2015.

SILVA NETO, S. da. **Guia para estudos dialetológicos**. Belém: Conselho Nacional de Pesquisas - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

SOUSA, J.M.C. **Variantes Linguísticas: Estudo de Caso na Comunidade Barra de São Manoel – Jacareacanga - PA**. TCC de Conclusão de Curso, FAI, Itaituba, 2013.

STRECKER, Heidi. **Comunicação e linguagem**: administração I / Heidi Strecker. - São Paulo: Pearson prentice Hall, 2009.

APÊNDICE



Centro de Estudos Superiores de Itaituba
Faculdade de Itaituba – FAI
Curso de Licenciatura Plena em Letras

APÊNDICEI QUESTIONÁRIO AOS MILITARES DO 53º BIS

IDENTIFICAÇÃO

Iniciais do Nome: Escolaridade: Estado Civil: Idade: Quanto Tempo em Itaituba: Origem: Sexo

I - NATUREZA E ACIDENTES GEOGRÁFICOS

1. Que tipo de terreno você conhece? Que nome se dá aqui para o terreno ou a terra que fica próximo ao rio? O que vocês podem plantar neste terreno?
2. Como vocês chamam aqui um pequeno rio, de uns dois metros de largura?
3. No rio tem um lugar onde a água corre com mais força. Como vocês chamam para isso?
4. E para o lado do rio. Que nome que vocês dão para o lado do rio?
5. E para atravessar o rio, igarapé, a gente tem que passar por cima de quê?
6. Como é o nome daquele tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um rio pequeno?
7. Que nome que dão aqui para o lugar onde o rio nasce?
8. Lugar onde termina o rio ou encontra com outro rio?
9. Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco na água que puxa para baixo. Como se chama isto?
10. Como é o nome do lugar onde a água não é muito funda, onde os patinhos gostam de nadar?
11. Às vezes o rio rodeia um pedaço ou monte de terra, como se chama para isso?
12. E aquele terreno úmido onde a gente, quando passa, ode até afundar os pés?
13. Quando chove fica um pouquinho de água, outro pouquinho ali. Que nome que dão para esse pouquinho de água da chuva que fica parada?
14. E aquela terra meio branca que serve para fazer construção?
15. Como é o nome do movimento da água do rio (imitar o balanço das águas)?
16. Como se chama o movimento da água do mar?
17. Quando chove, como é que a terra fica? Como a gente chama aquela terra depois que chove?
18. Que nome se dá para um lugar que tem água, mas não é lagoa, nem rio, e diz-se que lá é que moram os sapos



Centro de Estudos Superiores de Itaituba
Faculdade de Itaituba – FAI
Curso de Licenciatura Plena em Letras

APÊNDICE II QUESTIONÁRIO AOS MILITARES DO 53º BIS

IDENTIFICAÇÃO

Iniciais do Nome: Escolaridade: Estado Civil: Idade: Quanto Tempo em Itaituba: Origem:

II - FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS

1. O vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?
2. Uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore?
3. Uma luz que risca o céu em dias de chuva?
4. O barulho forte que se escuta logo depois de um ... E que faz muito barulho?
5. E quando vem aquela chuva muito forte com vento que às vezes até derruba casa?
6. Uma chuva com vento forte que vem de repente, geralmente no verão?
7. Nome especial para algum temporal?
8. Uma chuva muito forte e pesada?
9. É uma chuva bem fininha?
10. Como se chama essas manchas brancas no céu?
11. Como se chama uma chuva que é bem fininha e demora a passar?
12. É aquela chuva que dá e passa?
13. É aquela chuva que quando vem deixa tanta água e essa água vai levando tudo, lava a cidade?
14. Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (gesticular). Que nome dão a essa faixa? Alguns até acreditam que ele bebe / chupa a água do rio e se um homem passar por debaixo dele vira mulher.
15. De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?
16. Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?
17. Como dizem aqui quando termina a chuva e o sol começa a aparecer?

ANEXOS

Foto dos Entrevistados do 53º Batalhão de Infantaria de Selva



Foto tirada durante a entrevista. Fonte: Lemos (2016)



Foto tirada durante a entrevista. Fonte: Lemos (2016)



Foto tirada durante a entrevista. Fonte: Lemos (2016)



Foto tirada durante a entrevista. Fonte: Lemos (2016)

LE MOS, Acássio Carlos Silva

Variação Linguística da Língua Portuguesa no Batalhão de Infantaria de Selva (53ºBIS), Pará/ Acássio Carlos Silva Lemos. Itaituba: FAI, 2017.

83 f. 7il.

Orientadora: Djalmira de Sá Almeida Barros.

Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura Plena em Letras – Faculdade de Itaituba, 2017.

1. Letras. 2. Linguística. I. Orientadora: Djalmira de Sá Almeida Barros. II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR – PA, 2017.